



ASSOCIAÇÃO DOS
OFICIAIS DA
RESERVA NAVAL

ANO VIII • Nº 16 • PUBLICAÇÃO PERIÓDICA • SETEMBRO 2003

ENCONTRO RESERVA NAVAL NACIONAL

19-21 de Setembro de 2003
CENTRO DE ARTES E ESPECTÁCULOS
FIGUEIRA DA FOZ



Um privilégio

para 3000 membros

- Usufruir para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano de um desconto de 30% sobre os preços de balcão no alojamento dos **Aldeamentos Turísticos de Pedras D'El Rei e Pedras da Rainha em Tavira - Algarve;**
- Usufruir, para ti e até quatro acompanhantes, em qualquer época do ano, de um desconto de 25% sobre os preços de balcão no alojamento (dormida e pequeno almoço) nas seguintes unidades do **Grupo Hoteleiro Fernando Barata:**

Mónica Isabel Beach Club (Albufeira)

Forte de S. João (Albufeira)

Hotel Sol e Mar (Albufeira)

Hotel Suiço-Atlântico (Lisboa)

Aparthotel Auramar (Albufeira)

Hotel Sol e Serra (Castelo de Vide)

Hotel Mar à vista (Albufeira)

Hotel Dom Fernando (Évora)

Oleandro Country Club (Albufeira)

Hotel São João (Funchal)

Residencial Vila Recife (Albufeira)

- Utilizar a messe de Marinha em Cascais;
- Usufruir de condições especiais na Estalagem da Quinta de Santo António em Elvas.
- Acesso às consultas do Hospital de Marinha, a todos os associados da AORN, conjuges, ascendentes e descendentes que integrem o respectivo agregado familiar.

Em **turismo de habitação**, extensivo até cinco acompanhantes, na margem esquerda do rio Douro. Em qualquer época do ano, na Vila de Resende, com desconto de 30% no alojamento (dormida e pequeno almoço).



Índice



ASSOCIAÇÃO DOS
OFICIAIS DA
RESERVA NAVAL

*Publicação Periódica da Associação
dos Oficiais da Reserva Naval*
Nº 16 • Ano VIII
Setembro de 2003

Administração e Redacção

Fábrica Nacional da Cordoaria
Rua da Junqueira
1300-342 Lisboa

Telefs.: 21 362 68 40 / 21 362 68 39 (Fax)
e-mail: aorn95@mail.telepac.pt
www.terravista.pt/baiagatas/2176

Design e paginação electrónica

M. LEMA SANTOS, LDA.

Fotolito e montagem

GRAFILIS, SA.

Impressão e acabamento

GRÁFICA MONUMENTAL, LDA.

Tiragem

3.000 exemplares



Encontro Nacional da Reserva Naval	4
Editorial	5
O 12º CFORN	6
Curiosidades... de 1960	9
Os 35 Anos do 11º CFORN na Escola Naval	10
Notícias	13
Creoula	16
Ciclo de Conferências Nacionais	18
Protocolo <i>Universidade Lusíada / AORN</i>	20
Conferência na Universidade Lusíada <i>Intervenção do Secretário de Estado da Defesa e Antigos Combatentes</i>	21
Aliança Atlântica – Que Futuro?	25
Prémio Reserva Naval	26
8º Aniversário da AORN	28
Embarcações Tradicionais do Tejo e do Sado	33
A Assembleia Geral da AORN	34
Revivendo Metangula em Azeitão	37
Guiné / Bissau – Uma Longa Jornada de Saudade	38
A Biblioteca da AORN	42

ENCONTRO RESERVA NAVAL NACIONAL

19 a 21 de Setembro de 2003

19 DE SETEMBRO (*Sexta-Feira – Tarde*)

- 15:00 Apresentação e Cumprimentos
- Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz
 - Capitão do Porto da Figueira da Foz
 - Comandante do NTM “Creoula”

Centro de Artes e Espectáculos

- 16:00 Recepção dos Participantes
- 16:30 Inauguração da Exposição sobre a Reserva Naval

Hotel Mercure (antigo Grande Hotel)

- 20:00 Porto de Boas-Vindas
- 20:30 Jantar da Guarnição (*buffet*)

20 DE SETEMBRO (*Sábado – Manhã*)

Tema:

Portugal e a Estratégia Atlântica

Apresentação do Tema a cargo do painel composto por:

- Prof. Doutor Ernâni Rodrigues Lopes
- Almirante Nuno Vieira Matias
- Comandante Virgílio de Carvalho

Centro de Artes e Espectáculos

- 09:00 Recepção dos Participantes
- 10:00 Sessão Solene de Abertura do Encontro Nacional
- 10:15 1ª Sessão de Trabalhos
Apresentação do Tema
- 11:45 Coffee Break
- 12:15 2ª Sessão de Trabalhos
Debate
- 13:45 Almoço

20 DE SETEMBRO (*Sábado – Tarde*)

Tema:

O Espírito da Reserva Naval Horizonte AORN

Coordenação do Debate a cargo do painel composto por:

- Alfredo Lemos Damião
António Castro Moreira
António Rodrigues Maximiano

Centro de Artes e Espectáculos

- 15:30 Cerimónia de assinatura do protocolo celebrado entre o Hospital Militar Regional N° 1 – D. Pedro V e a AORN
- 15:45 3ª Sessão de Trabalhos
Debate sobre o Tema
- 16:30 Coffe Break
- 17:00 4ª Sessão de Trabalhos
Continuação do Debate
- 18:00 Final dos Trabalhos do Dia

Salão Nobre do Casino da Figueira da Foz

- 20:00 Boas-Vindas, Jantar e Baile da Reserva Naval*

* Traje: Smoking ou Fato Escuro

Programa Turístico de Acompanhantes

- 15:30 Passeio “Figueira da Foz/Serra da Boa Viagem” com duração aproximada de duas horas
- Local de Saída: Centro de Artes e Espectáculos

21 DE SETEMBRO (*Domingo*)

- 13:00 Almoço de Encerramento
Local: Restaurante “Teimoso”
(Estrada do Cabo Mondego)
- 15:30 Fim do Encontro Nacional

AORN 2006 —Um Horizonte

1 – Em Setembro deste ano de 2003, realiza-se na Figueira da Foz o **Encontro Nacional da Reserva Naval**, pensado e executado não só para festejar o reencontro dos Oficiais RN, marcando a capacidade de realização da AORN, mas também e sobretudo para motivar os actuais e futuros Associados para «*tarefas comuns, progressivamente mais exigentes ou complexas, visando objectivos associativos cada vez mais ambiciosos*» (cfr. Editorial da Revista nº 14).

É que se, por um lado, a vontade se tempera perante as dificuldades dessas tarefas e se reforça na concretização bem sucedida das mesmas, por outro lado, a motivação é tanto maior quanto o convencimento da utilidade do empenho e da qualidade do resultado.

Sempre inspirados no **Espírito da Reserva Naval** (cuja salvaguarda, conservação e desenvolvimento representam o primeiro objectivo essencial dos nossos fins estatutários), procuramos incluir neste Encontro Nacional alguns dos vectores principais que, no meu entender, poderão vir a constituir, no futuro próximo, a essência do *Congresso da Reserva Naval* – que admito poder vir a ser acolhido pela AORN, periodicamente, com benefícios associativo e pessoal dos seus participantes.

Decorre tal conjunto de vectores daquilo a que chamei – na última sessão da Assembleia Geral, a propósito da criação das respectivas Divisões – os pilares fundamentais da Associação: os Associados, a Marinha e o Mar.

Em primeiro lugar, um programa de reencontro, convívio, reforço da amizade e camaradagem e também lúdico para os Associados.

Em segundo lugar, a realização de um evento de reflexão e intervenção cívica com grande qualidade e actualidade e para a qual procuramos a cobertura mediática, que potencie a amplificação para o conjunto da Sociedade do que ali se passe, ajudando ao esclarecimento e formação da opinião pública.

Em terceiro lugar, uma oportunidade da Associação se reforçar, no que concerne a meios e conhecimentos e a um aspecto relevante que tem vindo a ser sublinhado por vários Camaradas Associados: o da orientação ou rumo da acção da AORN a médio prazo.

Estes dois últimos pontos merecem algum destaque.

2 – **Portugal e a Estratégia Atlântica** é o tema a desenvolver pelo painel constituído pelo nosso Presidente da Assembleia Geral, Ernâni Rodrigues Lopes, pelo Almirante Nuno Vieira Matias e pelo Comandante Virgílio de Carvalho.

Nele se apresentará e debaterá, designadamente, um conjunto de conceitos e realidades geográficas, estratégicas, económicas, culturais, científicas, assim como as respectivas consequências para Portugal, que sublinham a enorme importância, actual e futura, dum Estratégia Nacional de Matriz Oceânica.

Contribuímos, assim, também nós, para a discussão que hoje é fundamental na vida do País, em momento de tomada de decisões que influenciarão determinantemente o nosso Futuro.

3 – **O Espírito da Reserva Naval – Horizonte da AORN** foi o



A. Castro Moreira
(Vice-Presidente da Direcção)

título dado ao período de reflexão e debate sobre a orientação ou rumo da acção da AORN a médio prazo (3 anos).

Coordenando este debate, estarão o Lemos Damião, o Rodrigues Maximiano e o signatário.

Será esta uma oportunidade para que todos os que o pretendam – e peço que sejam muitos a fazê-lo – intervenham, expondo as suas ideias ou projectos, propondo linhas de acção para a AORN, para desenvolver no período 2004/2006. Acredito que dessa oportunidade bem aproveitada saiam ideias e projectos que, devidamente meditados, ajudem os órgãos sociais, especialmente a Direcção, a definir o melhor programa de acção.

Seria especialmente benéfico para a AORN que mais Associados se disponibilizassem para desenvolver, sós ou em colaboração com outros, projectos concretos de realização dos fins estatutários. Estou certo de que, quer esta quer a futura Direcção (mandato 2004/2005), saberão aproveitar todas as competências e boas vontades manifestadas.

4 – Permitam-me, no entanto e sem que seja considerado abusador da vossa paciência, contribuir desde já para aquele debate, deixando algumas pistas do que poderia ser a AORN no horizonte 2006.

Vejo uma Associação de base nuclear, de âmbito e acção nacionais, de preservação da sua Memória, de intervenção cívica na defesa dos seus valores, de presença marítima, sobretudo no treino de Mar e em actividades de lazer, com especial atenção à Juventude representada pelos descendentes e familiares dos Associados.

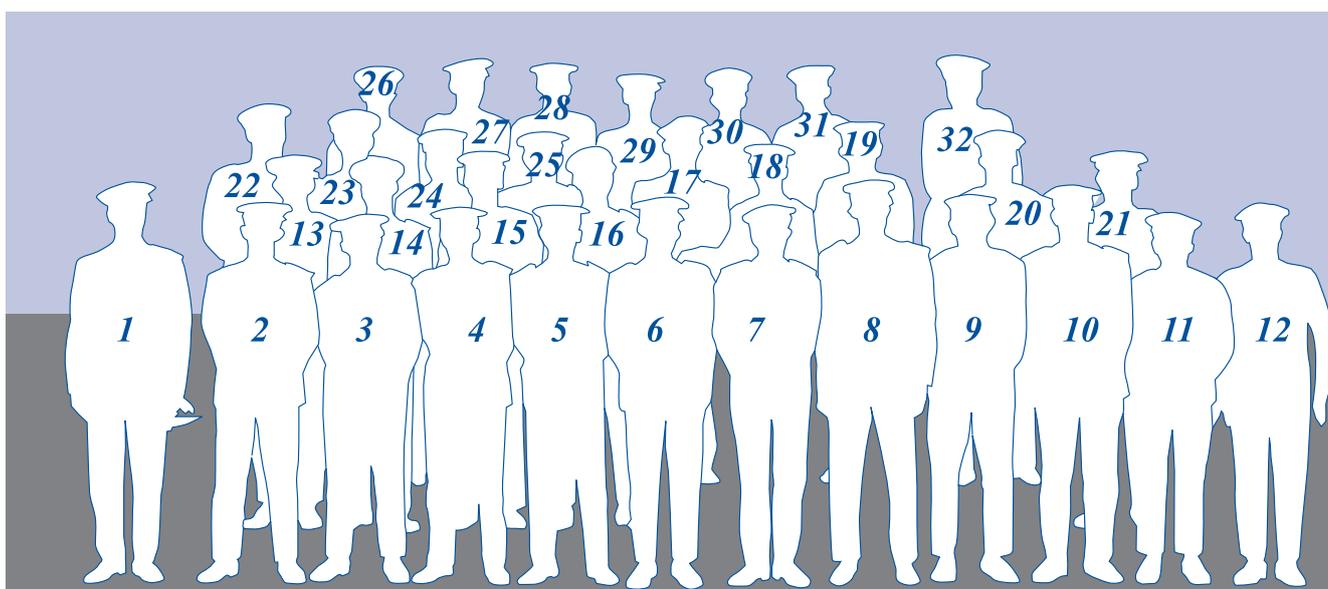
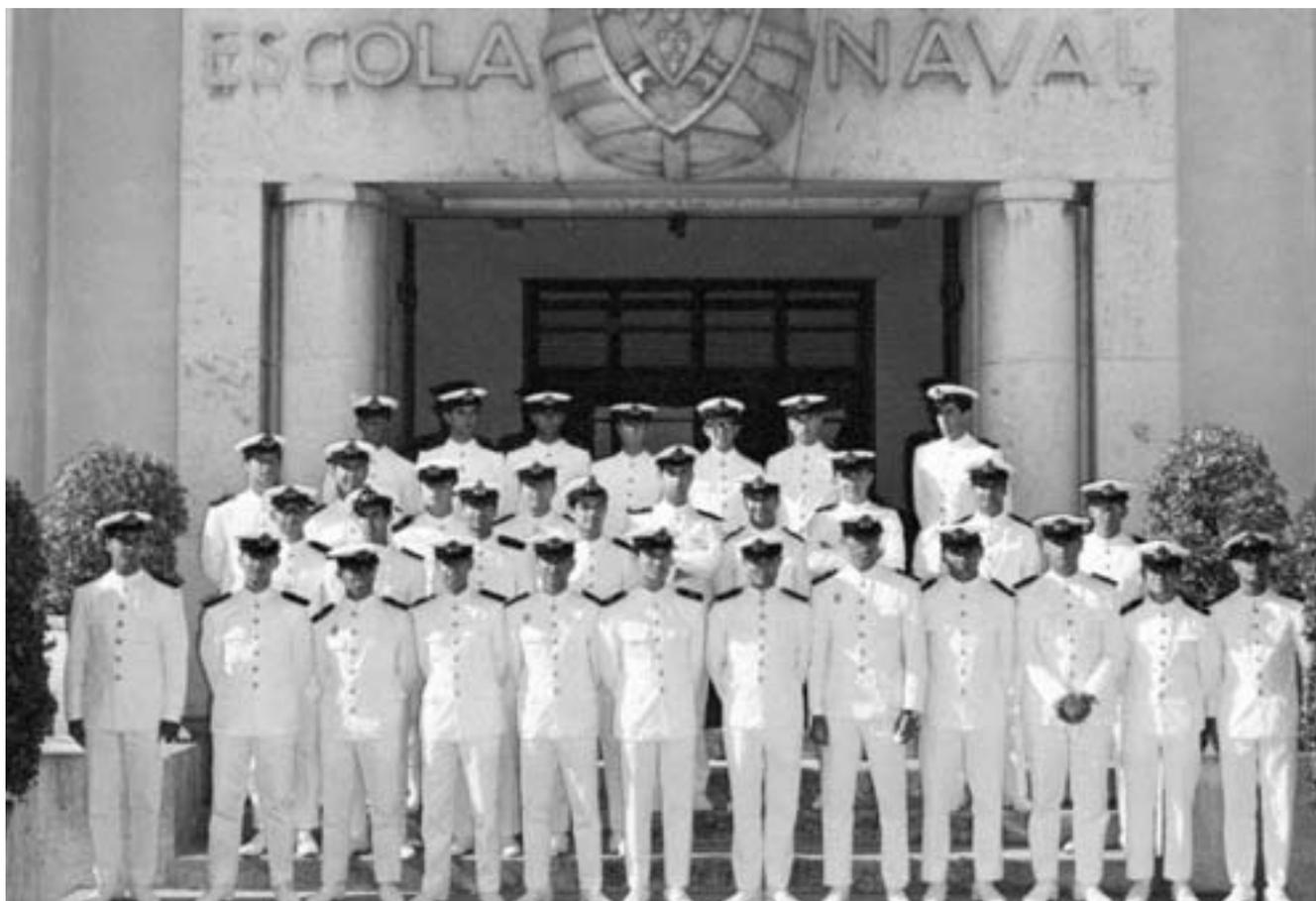
Quando falo em *base nuclear*, refiro-me à importância do trabalho de Núcleos regionais, constituídos e activos em todo o território nacional. A este propósito, é com satisfação que vemos o bom trabalho que está a ser realizado pelo Almeida Santos, coadjuvado pelo Corte-Real e pelo Maia de Carvalho, na constituição do novel Núcleo do Mondego.

Vejo tudo isto em ligação e coordenação, sempre que for o caso, com a Marinha. E, finalmente, vejo o quadro social fortemente alargado porque alicerçado em motivação e apoio aos seus Associados.

A concretização desta visão, ou de outra melhor, só depende de nós.

Nesta expectativa sou, com um forte abraço, até à Figueira da Foz.

O 12º CFORN



- 1 – José Alcino de Carvalho
- 2 – José Pereira Luis
- 3 –
- 4 – João M^a Lemos Mexia
- 5 –
- 6 –
- 7 – Elísio Gonçalves da Rocha
- 8 –

- 9 –
- 10 – Rui Miravent Tavares
- 11 –
- 12 –
- 13 –
- 14 – António Feliciano de Oliveira
- 15 – Eduardo Vilhena Gerales
- 16 – José Sousa Dourado

- 17 –
- 18 – Rui Moura da Silva
- 19 – José Luis Tocha dos Santos
- 20 –
- 21 – Joaquim M^a Sousa Cymbron
- 22 – João Silva Felgueiras
- 23 – Luis Caldeira Pinto
- 24 – Luis Veiga de Macedo

- 25 –
- 26 – Jorge Gomes de Miranda
- 27 – Jorge Machado da Costa
- 28 – Manuel Lopes Marques
- 29 –
- 30 – Luis Mendes Godinho
- 31 – João M^a Marques Fernandes
- 32 – Fernando Amaral Neto

Com 35 cadetes, o 12º CFORN foi alistado em 19 de Fevereiro de 1968, constituindo o primeiro dos dois cursos incorporados na Armada, nesse ano.

Foi também, depois do 1º CEORN em 1958, com apenas 20 cadetes, aquele que teve menor frequência.

Foi Patrono deste curso, o Rei D. Manuel I, por cognome o “Venturoso” (1469/1521).

Subiu ao trono em 1495, sucedendo a D. João II. No seu reinado, em que Lisboa atingiu o cume do desenvolvimento de entre as cidades europeias, foram lançadas as bases do Império Português do Oriente, numa época em que os portugueses chegaram à Índia, ao Brasil, à Indonésia e à Terra Nova. Data deste reinado o início da construção do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém.

Neste curso, apenas três Classes foram preenchidas – a classe de Marinha, com 21 cadetes, a classe de Fuzileiros, com 14 cadetes e a dos Técnicos Especialistas, apenas com um cadete.



Comodoro Lino Paulino Pereira

Comandava a Escola Naval o Comodoro **Lino Paulino Pereira** e o Director de Instrução foi o CFR **Alfredo José Estevam de Sousa e Costa**.

No final do período de instrução, o Prémio “Reserva Naval” foi entregue ao cadete da classe de Marinha, **Luís Manuel Caldeira Pinto**. Este prémio destinava-se a galardoar o aluno com classificação mais elevada no conjunto da frequência escolar e da apreciação de carácter militar.



Capitão de Fragata José Estevam de Sousa e Costa

A viagem de instrução realizou-se na Fragata “Diogo Cão”, sob o comando do CFR **Eurico Serradas Duarte**, tendo o navio tocado os portos de Ponta Delgada e Horta (Açores), Funchal (Madeira) e São Vicente de Cabo Verde. Os cadetes efectuaram ainda um desembarque em Porto Santo, tendo o navio ficado ao largo.

A partir desta data começaram os destacamentos para as Unidades, sendo elevado o número dos que receberam Guias de Marcha para serviço no Ultramar.

Referimos os seguintes destacamentos:

Pereira Luís para o Instituto Hidrográfico, **Gomes de Miranda** (NRP D. Jere-mias), **Castro Pacheco** (NRP D. Aleixo), **Antero dos Santos** (Defesa Marítima do Lago Niassa), **Caldeira Pinto** (NRP Alvor), **Moura da Silva** (NRP Porto Santo), **Mendes Godinho** (NRP S. Jorge), **Lopes Marques** (NRP Bicuda), **Amaral Neto** (NRP Fogo), **Rodrigues de Carvalho** (NRP Azevia), **Machado da Costa** (NRP Santo Antão), **Miravent Tavares** (NRP Corvina), **Tocha dos**



Luis Manuel Caldeira Pinto

Santos (NRP Alvor), **Lemos Mexia** (NRP Alvor), **Silva Filgueiras** (NRP Corvo), **Marques Fernandes** (NRP Dourada), **Sousa Dourado** (NRP Almirante Schultz), **Gonçalves da Rocha** (NRP S. Gabriel), **Vilhena Geraldês** (NRP São Roque), **Feliciano de Oliveira** (NRP Ribeira Grande)

Destaque também para os elementos deste curso nomeados comandantes de Lanchas: **Luís Caldeira Pinto** (NRP Alvor, na Guiné), **Jorge Machado da Costa** (NRP Júpiter, em Angola), **José Tocha dos Santos** (NRP Régulus, em Moçambique), **Castro Pacheco** (NRP D. Aleixo, em Cabo Verde), **João de Lemos Mexia** (NRP Altair, em Angola), **Fernando Amaral Neto** (NRP Albufeira, no Continente).

E para os destacados para navios onde assumiram os cargos de oficiais Imediatos: **Manuel Lopes Marques** (NRP Alfange, na Guiné), **José de Sousa Dourado** (NRP Argos), **José Rodrigues de Carvalho** (NRP Ariete, em Angola).



Fernando de Magalhães do Amaral Neto



João Maria Lacerda de Lemos Mexia



José Luis Tocha Antunes dos Santos



Três LFG's em Bissau, navios onde elementos do 12º CFORN assumiram o cargo de Oficiais Imediatos

Da classe de Fuzileiros, referência para os seguintes movimentos:

Antides Oliveira Santo e António Lopes Fernandes (DFE 5), **Carlos Amaro Ribeiro, Ulisses Jorge Paulos e Joaquim Sousa Cymbron** (Companhia nº 9 de FZ), **José Carvalho de Araújo** (DFE 7), **Fernando Alves Pires** (DFE 9), **Artur Carvalho Gomes** (Companhia nº 10 de FZ), **José Lopes Fernandes** (DFE 6), **Luís Veiga de Macedo, Jerónimo Sá e Castro e Fausto Campos Ferreira** (Companhia nº 8 de FZ).

Recordámos, sinteticamente, a passagem do 12º CFORN pela Marinha de Guerra Portuguesa.

Tentámos fazê-lo de forma mais alargada, com elementos de interesse que reavivassem a memória dos seus protagonistas. Infelizmente, ao contrário do verificado em anteriores situações, dos integrantes



Grupo de cadetes na viagem de instrução na Fragata "Diogo Cão"

deste curso não nos chegaram mais informações que tornassem possível esse desejo. Aos que colaboraram, Luís Caldeira Pinto, José Alcino de Carvalho e Luís

Veiga de Macedo, os agradecimentos da Revista.

José Pires de Lima
4º CEORN



LFP "Alvor"



LFG "Argos"

CURIOSIDADES... DE 1960



Marinha de Guerra, integrando a Reserva Naval.

São eles: **TÉCNICO B**: Heitor Sousa Santos e Pedro Pina Ribeiro, respectivamente do 5º e do 3º CEORN; **ECONÓMICAS**: Alexandre Vaz Pinto do 3º CEORN; **CIÊNCIAS**: Manuel Morgado Sequeira do 3º CEORN; **TÉCNICO A**: Renato Oliveira e Silva do 4º CEORN.

Destaque ainda, na equipa do *Técnico A*, para os 11 golos marcados pelo atleta **Caeiro**,

que não tendo pertencido à Marinha a ela está fortemente ligado por laços familiares, sendo filho do *VALM* Francisco Ferrer Caeiro.

Referência também para o atleta **Preto** do *Técnico B*, filho de outro oficial de Marinha, o Engº José Franco Preto.

Da equipa da Escola Naval recordam-se vários nomes, com referência para os atletas Marques (**Carlos Alberto Nunes Marques**) e Nascimento (**Luís Sebastião Delgado Rodrigues Nascimento**) que atingiram o posto de contra-almirantes.

O ano de 1960 foi o da incorporação do 3º CEORN de que viriam a sair os primeiros oficiais da Reserva Naval nomeados para o comando das lanchas de fiscalização da classe Bellatrix.

Trata-se de um curso com fortes laços de



camaradagem, mantida ao longo de mais de quarenta anos, com realce para os convívios que promovem, sem falhas, pelo menos uma vez por ano.

São da História deste 3º CEORN as fotografias juntas, uma de Manuel Morgado Sequeira, a quem se deve esta notícia, e outra num jantar finalizado por lançamento de pastéis de nata, na falta de outros obuses mais adequados.

O **Jornal DIÁRIO ILUSTRADO** de 26 de Janeiro de 1960, já desaparecido, publicava uma notícia sobre desporto universitário que merece da Revista da AORN uma chamada de atenção especial.

É que nela se relatam três desafios na modalidade de andebol de sete em que, para além da formação da Escola Naval, quatro equipas representativas do Instituto Superior Técnico (2 equipas), do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e da Faculdade de Ciências apresentam diversos jogadores que viriam a pertencer também à



Reconhecem-se, entre outros: 1 - João Estarreja, 2 - Marques Antunes, 3 - Norton dos Reis, 4 - Frederico Villas Boas, 5 - Pombo Rodrigues



Manuel Morgado Sequeira

OS 35 ANOS DO 11º CFORN NA ESCOLA NAVAL

Coincidindo com a passagem do 35º aniversário do destacamento para as primeiras Unidades de Marinha dos seus elementos, conforme ODSP – 1ª Série - nº 75, de 15 de Abril de 1968, o 11º CFORN, entrado na Escola Naval a 2 de Setembro de 1967, reuniu-se num jantar em 8 de Abril passado.

Jornada de grande elevação, requintadamente preparada por uma comissão organizadora formada por **Manuel Potes Cordovil**, **Fernando Dias de Freitas**, **Ricardo Migães de Campos** e **António Campos Teixeira**, levou à Escola Naval 38 componentes daquele Curso, muitos acompanhados de familiares, aos quais se juntaram convidados, o Comando da Escola e representações de Professores e de Cadetes. Um total de 95 presenças num dia memorável.

Recordamos que este curso foi frequentado por 75 cadetes.

A chegada foi o primeiro “choque” com as recordações, as caras mudadas pelo tempo, muitas bem diferentes da época dos cabelos pretos e fartos, cinturas incapazes de se meterem de novo nas fardas de então, figuras ainda firmes algumas, outras bamboleando-se como no convés de um navio em dia de Sudoeste, sorrisos abertos, braços estendidos ao encontro de outros sem notícias há mais de trinta anos, alguns fingindo lembrar-se daquele rosto diferente mas ainda com o mesmo olhar.

Trinta e cinco anos não são dois dias! Passam alegrias, mudam-se vidas, alteram-se destinos, criam-se famílias, aguentam-se tristezas e cimentam-se amizades. Estas que, nesta data e neste Cur-

so, nesta Escola onde em novo rumo de vida entraram há mais de três décadas, marcados definitivamente por uma experiência única de serviço, em que tradições, histórias, camaradagem, riscos comuns e o mistério do Mar, confirmam o que na Marinha é conhecido – uma vez juntos, é memória para sempre.

O Comandante da Escola Naval, Almirante Carlos Alberto Viegas Filipe, cadete do 4º ano à data da incorporação do 11º CFORN, foi o anfitrião deste encontro. Investido agora do Comando da Unidade, lembrou ao longo da jornada a sua ligação ao curso como “filho da escola”, criando desde logo um ambiente de extrema simpatia, contagiando os restantes oficiais e cadetes presentes.

Em memória dos camaradas e familiares para quem a estrada da vida foi mais curta,



Na entrada da Escola Naval, o registo fotográfico de todo o grupo



Na celebração da Missa, reconhecem-se Freitas do Amaral, Pupo Correia, Miranda da Rocha, Mendes do Nascimento e Manuel Cordovil



No gabinete do Comandante da Escola, a saudação do Almirante Carlos Alberto Viegas Filipe



Pose de grupo no átrio do pavilhão central

foi celebrada uma Missa pelo Capelão da Unidade. Não um acto de rotina inócua, mas uma atitude de presença voluntária numa cerimónia importante.

Dizia o Capelão aos presentes que *“A fé é um risco! Não se trata de tocar e ver, mas de acolher um anúncio que é proclamado. Muitas vezes os nossos encontros parecem mais uma assembleia de pessoas constringidas que de voluntários reunidos por uma necessidade profunda de encontro e acção de graças. Este momento não é uma reunião obrigatória, nem uma reunião de ensinamentos ou de doutrina. É, acima de tudo, o sinal visível de que somos mais, muito mais, que meros seres vivos com a coragem de fazermos memória de todas as dádivas da nossa história comunitária, escrita tantas vezes a letras de sangue e com um sentido de ressurreição: acreditar na pessoa que somos e que jamais morrerá nesta acção de graças permanente, por estarmos vivos e disponíveis para dar sentido, rigor e glória ao que construímos, e que é de todos e para todos.”*

Será uma questão de opinião, mas eu preferia a “moda antiga”. Talvez esteja enganado, mas percebia-se uma maior disciplina e regras mais precisas. Nada, no entanto, que altere o respeito, que esse continua a ser uma realidade.

Momentos houve que referimos:

- A sessão de boas vindas no gabinete do Comandante da Escola, dirigindo-se aos presentes com um sincero voto de satisfação por os receber naquele dia, esperando que ali se sentissem na sua própria casa.

É o cumprimento de uma praxe que a Marinha tão bem sabe conservar, mantendo abertas as suas portas a todos quantos um dia entraram na família naval.

- O descerramento de uma Placa, no átrio do edifício das antigas camaratas, onde os nomes de todos os cadetes deste curso ficaram inscritos, encimada pelo nome do Patrono, o navegador **“Diogo Gomes”**.

- A Conferência no Grande Auditório

Neste último acto, trocas de saudações e orações de sapiência não faltaram.

Agradecimentos especialmente dirigidos e muito justamente ao Comandante da Escola, **Alm Viegas Filipe**, pelo apoio total ao encontro, ao 2º Comandante, **CMG Fernandes Rodrigues** e ao secretariado da AORN.

Agradecimentos ainda pela presença do mais antigo oficial da Reserva Naval, 1º classificado do 1º CEORN, **Rogério Canas de Sousa Ferreira** e do **Alm Joaquim Espadinha Galo**, sócio de Mérito da AORN e um profundo “devoto” da realidade que é a Reserva Naval.

E recordações de nomes de oficiais da Escola, na época – **Comodoro Lino Paulino Pereira**, **Comandantes Correia Jesuíno**, **Pessoa Lopes**, **Conceição e Silva**, **Gomes Teixeira**, até ao despenseiro **Vaga Morta**.

Numa feliz iniciativa, a organização deixou assinalada esta data fazendo oferta de um relógio com inscrição, ao Comandante e oficiais da Escola e a convidados.



O mais antigo oficial RN, Rogério Canas de Sousa Ferreira (1º CEORN), assinando o Livro de Honra



Fernando Freitas, António Martins, Cunha Brazão, Roque Pinho e Senhoras

Lembrados de forma particular os camaradas **Adelino Amaro da Costa**, **Luís Alberto Camacho Lobo**, **João Evaristo Carapinha** e **Daniel da Silva Ferraz**, apenas fisicamente ausentes nesta data.

Um visita às instalações actuais da Escola não fez esquecer a memória das antigas camaratas, da parada, das salas de aula ou do ginásio.

O mesmo “cheiro”, o mesmo “ar”, talvez menos formalismo do que antigamente. Sinal dos tempos ou uma maior proximidade entre “comandantes e comandados”. Melhor agora, ou naquele tempo?

pelo também cadete deste curso, o Professor **Diogo Freitas do Amaral**, sobre *“Direito Internacional e a Conjuntura Mundial do Momento”*, com a presença de convidados, corpo docente e cadetes da Escola, a que se seguiu um período de debate.

- E o jantar de encerramento do dia, mais uma prova do requinte da Marinha e do seu pessoal da Taifa. Simplesmente impecável, como diria o “Oficial de Dia” no seu escrito no Diário de Bordo – *Bom, Abundante e Bem Confeccionado*.

Uma nota de fino sabor, característico de muitos actos passados na Marinha, refere-se ao facto da data inscrita neste relógio assinalar o dia 8 de Setembro de 2003 como sendo aquele que deveria ser o deste encontro. Um pequeno lapso que levou a inscrever o mês de Setembro, em vez do mês de Abril, como era desejo da organização.

Mas também é certo que, sem granel, não há sal...

José Pires de Lima
4º CEORN

OS COMPUTADORES CITY DESK



Eng.º Carlos Maia Nogueira, Presidente da Solbi

Como empresa nacional, numa área estratégica da nossa economia, a **Solbi** em muito contribui para o desenvolvimento das Tecnologias de Informação em Portugal através dos equipamentos *City Desk* que ocupam, a nível nacional, o primeiro lugar no ranking de desktops de Consumo e o segundo lugar nos desktops profissionais, situação verdadeiramente excepcional, dada a forte presença das marcas inter-nacionais no nosso mercado, e situação única na Europa para uma empresa local.

Os equipamentos *City Desk* são concebidos, desenvolvidos e fabricados pela **Solbi**, sendo esta a única marca nacional que é certificada pela Microsoft com o estatuto de “*Designed for MS Windows*”.

A **Solbi**, como empresa certificada de acordo com a norma europeia de qualidade NP EN ISO 9001:2000, desenvolve

assim e fabrica os seus computadores *City Desk* de acordo com os padrões de qualidade internacionais.

A actividade industrial da **Solbi**, sediada em Carnaxide e com mais de 20 anos de história, revela um elevado grau de flexibilidade possuindo assim uma capacidade de produção para mais de 300 computadores (Pc's e servidores) por dia. Em 2002, a **Solbi** colocou no mercado nacional 43.961 equipamentos, divididos entre computadores, desktop e servidores.

UMA VIDA LIGADA AO MECENATO

A **Solbi**, com um espírito patriótico que sempre foi seu apanágio, está desde há muitos anos ligada a iniciativas de mecenato no nosso país. Com efeito, pode dizer-se que a **Solbi** é das poucas empresas nacionais a associar-se a iniciativas deste género no nosso país, contribuindo frequentemente para o desenvolvimento da arte e da cultura nacionais, bem como realizando doações a instituições de utilidade pública sem fins lucrativos.

Um dos principais exemplos desta preocupação da **Solbi** é o Concurso de Escultura *City Desk*, o maior do país que, em colaboração com a Fundação D. Luís I, está a ser promovido pelo terceiro ano consecutivo. Este Prémio de Escultura, cujo valor é o mais elevado atribuído por uma empresa privada, pretende distinguir a obra de um escultor português ou residente em Portugal, que contribua por forma reconhecida pelo Júri para uma experiência mais intensa do objecto artístico e para o questionamento da própria noção de escultura. Privilegiando artistas em fase emergente, através

do estabelecimento de um limite de idade, os promotores do referido prémio, cuja recepção de candidaturas já teve início, esperam contribuir para o desenvolvimento da prática da escultura bem como para o conhecimento de obras e percursos de artistas que eventualmente ainda não tenham atingido a visibilidade pública que merecem.

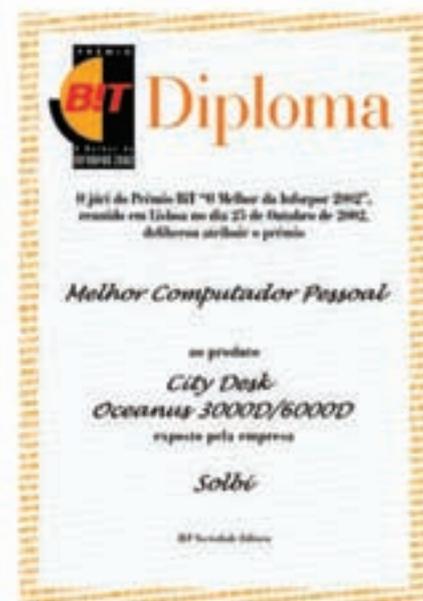
Outro exemplo foi a participação da **Solbi** na *Expo '98* como Mecenaz e fornecedor oficial do equipamento informático do Pavilhão de Portugal e, ainda, a presença na *Expo 2000*, em Hannover, onde os computadores *City Desk* voltaram a equipar o Pavilhão de Portugal.

A *City Desk*, o maior fabricante português de computadores pessoais pertencente ao **Grupo Solbi**, vai apoiar a **AORN**, patrocinando quer a viagem do “*Creoula*” à Ilha da Madeira, quer o “*Encontro Nacional da Reserva Naval*”.

«É com muito orgulho que nos associamos a esta iniciativa, até porque a *City Desk* tem uma relação histórica e cultural com o Mar e também com os Descobrimientos portugueses, nomeadamente nas referências que sempre fez através da denominação dos seus equipamentos. Os PC's *Oceanus* e *Infante* são disso exemplo», afirmou Carlos Maia Nogueira, Presidente da **Solbi**.



PC CITY DESK OCEANUS, eleito “Melhor Computador Pessoal” (INFORPOR 2002)



Breves notícias das presenças da AORN:

- 18-02-2003** Na Escola Naval num almoço oferecido pelo seu Comandante, o *CALM* Carlos Viegas Filipe.
- 25-03-2003** No Instituto Superior Naval de Guerra num painel subordinado ao tema “*Portugal e a Sua Circunstância*” moderado pelo Professor Doutor Adriano Moreira, sendo intervenientes a Prof^ª Dr^ª Maria do Céu Pilar, da Universidade do Minho, a Prof^ª Dr^ª Maria Regina Marchueta, da Universidade Lusíada, o *VALM* Ferraz Sacchetti, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e o Dr. João Salgueiro, da Universidade Nova.
- 27-04-2003** No Clube de Praças da Armada, no almoço comemorativo do 25 de Abril.
- 05-05-2003** No Clube de Sargentos da Armada (delegação do Feijó), na comemoração do aniversário desta delegação com a actuação do Coro Polifónico do CSA (constituído pos sócios e familiares), sob a orientação do Maestro Euclides Pinto e com a presença do Maestro Edgar Saramago na qualidade de padrinho do coro.
- 06-05-2003** Na Academia de Marinha, na conferência “*O Mar no Futuro de Portugal*” moderada pelo *ALM* Nuno Vieira Matias, sendo oradores o Comandante Virgílio de Carvalho, o Prof. Doutor Adriano Moreira e o *CALM* Lima Bacelar
- 09-05-2003** Na Escola Naval, na cerimónia de entrega do Prémio Reserva Naval e juramento de Bandeira dos cadetes do curso *Martin Afonso de Sousa*.
- 15-05-2003** No Museu de Marinha, na exposição de aguarelas do livro de Baldaque da Silva.
- 17-05-2003** Na inauguração da Exposição de Pintura e Artes Plásticas do Clube de Sargentos da Armada – delegação do Feijó, em que os artistas são, na sua grande maioria, sócios e familiares.
- 20-05-2003** Nas comemorações do Dia da Marinha, em Ílhavo e nas cerimónia que tiveram lugar na ilha de S. Miguel, nos Açores.
- 29-05-2003** No Instituto Superior Naval de Guerra, no seminário de encerramento do Curso Superior Naval.
- 03-06-2003** Na Academia de Marinha, na exposição de pintura computadorizada do Dr. Rui Ortigão Neves.
- 11-06-2003** No Teatro S. Luís de Lisboa, a convite do Chefe do Estado-Maior da Armada, no concerto da Banda da Armada comemorativo do centenário da gravação do 1º disco em Portugal pela Banda dos Marinheiros.
- 07-07-2003** Num jantar no Forte da Giribita, em Caxias, a convite do *Almirante* Francisco António Torres Vidal Abreu, Chefe do Estado-Maior da Armada., onde também estiveram presentes diversos Oficiais Gerais da Marinha de Guerra.
- 12-07-2003** Na Doca de Marinha, em Lisboa, a convite do GAMMA, na exposição de embarcações tradicionais do Tejo e do Sado.
- 22-07-2003** No Museu de Marinha, na cerimónia oficial comemorativa dos 140 anos do Museu.
- 24-07-2003** Na Biblioteca Central de Marinha, na apresentação do volume XIII da obra “*75 anos no Mar*”, uma publicação da Comissão Cultural de Marinha.



No passado domingo dia 27 de Julho, a convite do *CFR* Ferreira Marques, comandante da corveta “*Comandante Baptista de Andrade*”, o **Núcleo dos Açores da AORN**, através dos seus elementos e respectivas senhoras, efectuou uma visita a bordo daquele navio.

Presente também o Comandante da Zona Marítima dos Açores, *CALM* Rodrigues Gaspar. A bordo, houve a oportunidade de visitar uma exposição relacionada com a actividade daquela unidade naval.

Tempo também para animada conversa sobre a actual panorâmica da Marinha de Guerra e o papel a desempenhar pela AORN na sociedade civil. Um simpático almoço encerrou um convívio de fino e hospitaleiro trato.



Os oficiais RN do **18º CFORN**, incorporado na Armada em 18 de Fevereiro de 1971, reuniram-se em 24 de Maio passado, num almoço na Messe de Cascais.

Compareceram 28 integrantes deste curso, de um total de 57 que, naquela data, vestiram pela primeira vez a farda do botão de âncora.

Deste curso fez parte **António Bernardino Apolónio Piteira**, o único oficial da Reserva Naval morto em combate no Ultramar em 1973, e cuja memória a AORN perpetua, dando o seu nome a um Prémio com o seu nome, atribuído anualmente ao cadete do 4º ano da Escola Naval que revele, ao longo do curso, as qualidades de camaradagem, altruísmo, solidariedade e generosidade que se reconheciam em António Piteira.

No passado 31 de Maio, decorreu em Leiria o **ENCONTRÃO GUINÉ 70's**, visando o reencontro daqueles que prestaram serviço na Guiné nos primórdios dos anos 70.

A operação foi superiormente planeada pelo Firmino Coutinho do 17º CFORN, com o objectivo de Fomentar a Amizade entre aqueles “guinéus” e foi executada com abnegado espírito de missão por meia centena de Oficiais da Reserva Naval, oriundos dos 15º ao 22º CFORN's, vários acompanhados por familiares. Foi assinalável o êxito obtido e que prolongou o almoço por toda a



tarde... Estórias da Guiné – umas mais guerreiras, outras nem tanto, mas todas contribuindo para o reforço da camaradagem e para a boa disposição geral foram narradas por outros tantos estoriadores como Melo e Sousa (o “Bellini”), José Braga, Pires Carmona, Maia de Carvalho, Corte Real e Fernando Santos.

A **AORN** (em conjunto com o COMM – Clube dos Oficiais da Marinha Mercante) deslocou-se ao Alqueva, no transacto dia 7 de Junho, para uma visita de estudo, em resposta a amável convite da EDIA – Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva.

Fomos recebidos em nome da EDIA pelo Sr. Prof. Doutor Augusto Felício, Administrador, e pelo Sr. Carlos Silva, das Relações Públicas. Quer na apresentação, de muito elevado nível, do Projecto e das consequências da sua implantação, quer no acompanhamento da visita à barragem e à recuperada Aldeia da Luz, pudemos ficar com uma noção do importante papel que o Projecto do Alqueva está a desempenhar e poderá desempenhar, directa e indirectamente, na melhoria das condições de vida do Alentejo e no desenvolvimento do País.

Cerca de meia centena de associados da AORN e do COMM puderam, assim, recolher ou completar informação ampla e fidedigna sobre o Projecto do Alqueva – actualmente o investimento de mais elevada expressão económica em Portugal.



Os 22 oficiais do **22º CFORN** classe FZ – de um curso inicial de 25, comemoraram o 30º aniversário da sua incorporação no transacto dia 22 de Fevereiro, na Escola de Fuzileiros.

Foi prestada uma homenagem aos Camaradas mortos em Serviço, com deposição de coroas de flores no respectivo monumento.

Uma visita ao museu da Escola e um almoço de convívio, sempre com a presença do *CFR* Sousa Dias a representar a Escola anfitriã e com intervenção do *CMG* Mendes Fernandes – Comandante da Companhia de Instrução, à época, completaram mais esta jornada de camaradagem.



A *AORN* propiciou a um conjunto de algumas dezenas de jovens estudantes do 8º e 9º ano do **Colégio Europeu do Porto**, uma visita de estudo à Escola Naval, ao Museu de Marinha e ao *NRP* Vasco da Gama, nos transactos dias 21 e 22 de Fevereiro, com pernoita na primeira.

Naquele Colégio, o tema principal do ano lectivo 2002/03 foi o de Ciência e Tecnologia (Área-Projecto) e as visitas de estudo em causa inspiraram-se em tal tema, visando responder à necessidade de conhecimento da Realidade Nacional e de definição das primeiras Opções Vocacionais.

A ideia teve imediato acolhimento nos Comandos das Unidades em causa e na Direcção do Museu, vindo o respectivo programa a revelar-se intenso, atraente e coroado de êxito na participação dos jovens que, vários meses após, ainda falavam com saudade do “fim de semana da Marinha”.

Ao *CALM* Viegas Filipe, Comandante da Escola Naval e aos *Comandantes* Beça Gil e Pereira Coutinho o nosso agradecimento pelo apoio dado e pela superior qualidade do programa proporcionado.

Visita e divulga a nossa homepage na Internet:
<http://www.terravista.pt/baiagatas/2176>
Mantém actualizado o teu e-mail e
utiliza o da *AORN* para comunicares conosco:
aorn95@mail.telepac.pt

No presente ano, o **Dia da Marinha** – comemorado a 20 de Maio por esta ser a data em que se completou com êxito a viagem de Vasco da Gama que concretizou o objectivo nacional de chegar à Índia por via marítima – teve lugar em Ílhavo, concelho dinâmico ribeirinho da Ria de Aveiro.

A *AORN* esteve presente, sentiu-se em família e gostou especialmente de ver reafirmada pelo *Almirante CEMA* a importância da valorização e qualificação profissional ao mais alto nível dos quadros da Marinha. Igualmente apreciada a numerosa e vibrante participação popular nas cerimónias, quer nas militares e



institucionais da parte da manhã, junto à Câmara Municipal, quer nos exercícios de demonstração de operacionalidade e desfile de navios, durante a tarde, junto ao farol da barra.



Todas as segundas 5ªs feiras de cada mês se realiza um encontro do **Polo Norte**, com ou sem jantar, na sede da *AEP* (Ex-AIPortuense) na Av. da Boavista, nº 2671 (próximo do cruzamento com a Av. Marechal Gomes da Costa).

Os camaradas interessados em jantar deverão contactar directamente com o Sr. António Costa (Restaurante da *AEP*) pelos telefones 226 158 504 ou 917 513 649, ou através do Joaquim Moreira pelos telefones 213 815 450, 229 416 114 ou 917 814 402.

CREOULA

Um treino de mar para 60 sócios da AORN e convidados



Vista do Creoula a navegar frente à Estação Fluvial de Belém no dia do “treino de mar” dos sócios da AORN

Cerca de 60 antigos oficiais da Reserva Naval, sócios da AORN e convidados, realizaram no passo dia 29 de Junho uma “campanha” quase meio dia a bordo do renovado veleiro *Creoula*, que levou aqueles “intrépidos” antigos marujos a sofrerem (e recordarem) os efeitos do “malagueiro” à saída da barra de Lisboa.

Os sócios e convidados responderam, com prontidão, à chamada tendo a faina começado cerca das 10:00 TMG, com o navio a sair em temperança da Base Naval de Lisboa, no Alfeite, embora com nuvens negras ao longe, e zarpado até à embocadura do Rio Tejo.

Os “valerosos” e “valerosas” acompa-

nhantes portaram-se dignamente e, no *Diário de Bordo*, ficaram registadas “as memórias gloriosas” da sua passagem a bordo, incluindo algumas idas forçadas à amurada para lançarem o “gregório”.

Quais verdadeiros seguidores dos antigos *barões assinalados* que da *ocidental praia lusitana* se aventuraram a *perigos e*



Painel de corajosos concorrentes a tripulantes



O Comandante Martins da Cruz e Oficiais do "Creoula"



Em plena faina de treino de mar

guerras esforçados, os sócios da AORN e os seus acompanhantes assistiram às orientações detalhadas dadas pelo Comando e oficiais do navio e, de peito feito, resistiram à chuva que entretanto os apanhou já à vista do farol do Bugio.

Esperava-os um almoço de heróis em frente a Cascais mas, depois de navegação larga na zona da Barra, meteram rumo em direcção a águas mais calmas em frente ao Aquário Vasco da Gama, onde confraternizaram e foi servido o repasto com todo o esmero de bordo, apesar da chuva que continuamente caiu por essa altura.

Foi um verdadeiro "treino de mar", dado com aprumo pela guarnição do *Creoula*, do comando do CTEN Martins da Cruz.

A direcção da AORN e o Comando do navio reuniram-se entretanto, tendo sido alvitrada a hipótese de utilizações futuras do veleiro em actividades da Associação.

O navio *Creoula* saiu recentemente de fabricos, onde sofreu apurado serviço de

manutenção, nomeadamente a nível de mastros.

O *Creoula* é um lugre de quatro mastros, construído, em 1937, para fazer a campanha do bacalhau, missão que cumpriu logo no ano da sua construção. Fez 37 campanhas, a última das quais em 1973. Chegou a pescar 600 quintais de bacalhau num só dia, o que corresponde a cerca de 36 toneladas e dá uma média de 660 quilogramas por cada pescador.

O navio largava de Lisboa em Abril e seguia para os bancos da Terra Nova, Nova Escócia e Saint Pierre, onde pescava em condições duras, até aos finais de Maio. Dirigia-se depois à Nova Escócia ou à Terra Nova onde reabastecia de isco fresco, mantimentos, combustível e aguada, seguindo para a Gronelândia, onde chegava em meados de Junho.

Recomeçava a pesca no estreito de Davis.

Se não terminasse o carregamento até princípios de Setembro, regressava à Terra Nova, onde pescaria até meados de

Outubro, voltando então a Portugal.

Em 1979, o *Creoula* foi adquirido à Parceria Geral das Pescarias pela Secretaria de Estado das Pescas, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, para vir a ser um museu de pesca.

Depois de ser verificado que o casco ainda estava em boas condições, foi decidido que o navio se manteria a navegar e que seria transformado em *Navio de Treino de Mar (NTM)*, em especial ligando a juventude à vivência marítima.

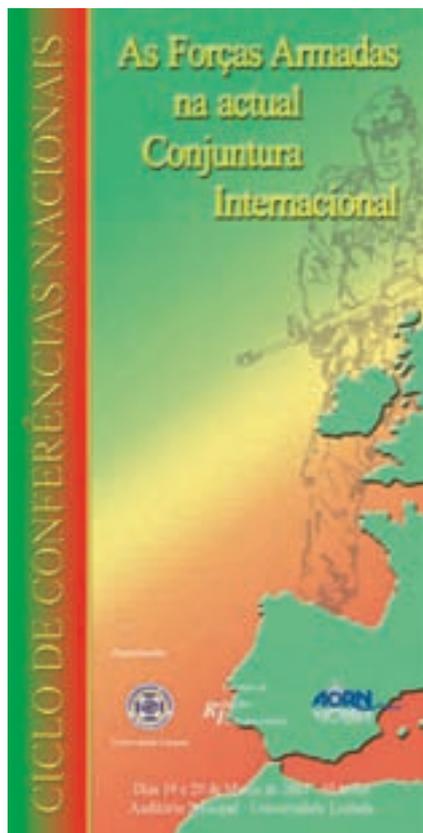
Por essa razão foi necessário transformar o porão de peixe em coberta para 60 instruendos, ampliar a enfermaria e a capacidade de aguada, instalar um refeitório, aumentar as instalações sanitárias, alterar o lastro e substituir a madeira por aço nos mastros.

Serafim Lobato
14º CFORN



Detalhe nas explicações e sorrisos, mais tarde postos à prova...

CICLO DE CONFERÊNCIAS NACIONAIS



A AORN, a Universidade Lusíada e o seu Núcleo de Alunos Finalistas do Curso de Relações Internacionais, levaram a efeito nos dias 19 e 20 de Março pp, no Auditório daquela Universidade, na Rua da Junqueira, em Lisboa, uma conferência subordinada ao tema “**As Forças Armadas na Actual Conjuntura Internacional**”.

Pretendeu-se, com esta conferência, levar

até à Universidade a mensagem dos três ramos das Forças Armadas como partes fundamentais da Defesa do Território Nacional, e igualmente como componentes de um todo europeu, obrigado ao respeito por acordos e tratados de cooperação.

Não se limitando a Defesa Nacional à temática das forças militares, foram igualmente tratados os aspectos de Defesa Civil, particularmente os resultantes da vasta área económica exclusiva que compete a Portugal fiscalizar e preservar.

Um dos objectivos pretendidos, foi o de levar à sociedade civil e particularmente aos alunos das Universidades, o conhecimento sobre o papel e funções que competem às Forças Armadas Portuguesas, face à nova ordem internacional.

A estruturação dos três ramos das Forças Armadas – Marinha, Exército e Força Aérea – as suas funções estritamente no campo militar como componentes de um sistema de Defesa Nacional, as suas necessidades em meios materiais e humanos e o seu enquadramento nas estruturas internacionais, foram temas abordados superiormente por oficiais destes três ramos.

Marinha, Exército e Força Aérea estiveram representados através dos seus Institutos de Altos Estudos Superiores, respectivamente o Instituto Superior Naval de Guerra (tema apresentado pelo seu Director, *Vice Almirante António Carlos*



Rebello Duarte), o Instituto de Altos Estudos Militares (com uma conferência do *Major Rui Manuel da Silva Ferreira*) e o Instituto de Altos Estudos da Força Aérea (com uma intervenção do *Tenente Coronel PilAv David José Meneses Teixeira*).

Aproximar a Universidade às Forças Armadas, através dos seus Institutos Superiores Militares, proporcionando um discurso de índole académico e retirando-lhe os aspectos puramente bélicos que poderiam advir se as comunicações viessem através de representantes de outras Unidades militares, foi uma das preocupações deste encontro.

Três brilhantes exposições em que cada um dos intervenientes justificou a importância do ramo das Forças Armadas de que faz parte, na política de Defesa Nacional.

Esta iniciativa despertou um grande interesse das populações estudantis uni-



Na sessão de encerramento: Prof. Matos Correia, Prof. Ernâni Lopes, Dr. Henrique de Freitas, Prof. Martins da Cruz, Prof. Carlos Motta e Ricardo Sabrosa



Aspecto da assistência, com o Prof. Martins da Cruz ladeado pelo Almirante Vidal Abreu e pelo Tenente General Fernandes Nico



Almirante Mendes Cabeçadas



Tenente General Garcia Leandro



Tenente Coronel Piloto Aviador Meneses Teixeira



Major Silva Ferreira

versitárias e mereceu das esferas militares um apoio incondicional, de que é prova o facto *Ministro da Defesa Nacional*, **Dr. Paulo Portas** a ter patrocinado, de ter havido uma intervenção do Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, *Al-mirante José Manuel Garcia Mendes Cabeçadas* (com o tema “*As Forças Armadas e a Defesa Nacional*”), do Director do Instituto de Defesa Nacional, *Tenente General Garcia Leandro* ter sido também um dos oradores (tratando do Conceito Estratégico de Defesa Nacional).

A sessão de encerramento foi presidida pelo *Secretário de Estado da Defesa e dos Antigos Combatentes*, **Dr. Henrique de Freitas**, com uma intervenção de fundo que se transcreve em algumas das páginas desta revista.

Foi Moderador o *Professor Doutor Ernâni Rodrigues Lopes*, Presidente da Assembleia Geral da AORN e também ora-

dor com o *Major General Raul François Martins*, professor da Universidade Lusíada, abordando o tema do “*Relacionamento da Sociedade Civil com as Forças Armadas*”.

O *Prof. Doutor António Martins da Cruz*, Presidente do Conselho Directivo da UL, o *Prof. Doutor Carlos Motta*, Director da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, os *Prof. Doutores Joaquim de Carvalho*, nosso associado e *José de Matos Correia*, Professores no Departamento de Relações Internacionais e Ciência Política, fizeram parte das mesas de abertura e fecho deste encontro.

Ao longo de dois dias, várias centenas de assistentes puderam ouvir e discutir as opiniões de especialistas de um tema que se pode considerar vital para a integração de Portugal na comunidade internacional, numa fase da História em que a consciência nacional é frequentemente abalada por acontecimentos e atitudes contra-

ditórias, em nada contribuindo para a coesão moral e cívica de um povo com mais de oitocentos anos de História.

A Revista da AORN deixa, neste artigo, um voto de agradecimento e de elogio ao grupo de alunos finalistas do curso de Relações Internacionais da Universidade Lusíada que teve uma acção fundamental na organização desta Conferência, na escolha dos temas e no contacto com todos os oradores, contribuindo de forma brilhante para o êxito da iniciativa.

Estão de parabéns os alunos **Ricardo Bruno Caldeira Nunes Sabrosa**, **Dina de Jesus Calado**, **Ana Sofia Lopes Atalaia** e **Patrícia Alexandra Marques Pereira**.

José Pires de Lima
4º CEORN



Na assinatura do Protocolo com a AORN, o Prof. Martins da Cruz entre Paulo Marques e Carlos Marques Pinto Pereira



Oferta do Braço da AORN à UL, na presença do Director do Instituto dos Altos Estudos Militares, Tenente General Vizela Cardoso

PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE LUSÍADA E A ASSOCIAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA NAVAL

No passado dia 20 de Março, por ocasião da Conferência promovida na Universidade Lusíada em que a AORN esteve empenhada, conjuntamente com o Núcleo de Alunos finalistas do curso de Relações Internacionais daquela Universidade, foi assinado entre a nossa Associação e a UL um Protocolo de colaboração.

Visando o estreitamento de relações, pretendem as duas instituições, com este acordo, abrir novas possibilidades de colaboração no campo cultural e científico, beneficiando particularmente os jovens que constituem o vasto universo discente daquela Universidade e também os cerca de 8000 descendentes dos oficiais da Reserva Naval.

Perfeitamente concordante com os objectivos estatutários da AORN, este protocolo agora assinado, abre novos horizontes à nossa actividade e aumenta os motivos de interesse da nossa juventude numa adesão mais firme às suas realizações.

Dos termos do Protocolo destacamos os seguintes pontos:

1º

Ambas as partes reconhecem as vantagens da colaboração mútua para poder aprofundar a investigação, discussão e debate em matérias de interesse comum, designadamente em assuntos de Segurança e Defesa e de História, em muitos dos temas estudados no seu âmbito.

2º

Ambas as partes envidarão esforços no sentido de promoverem periodicamente actos ou realizações de organização conjunta ou de uma das partes com o apoio da outra, visando alargar caminhos para um significativo aumento da discussão e debate no meio Universitário destes temas.

3º

No âmbito das acções referidas na cláusula anterior, comprometem-se as duas Instituições a:

- a) Estabelecer um programa anual, ajustado na medida em que as circunstâncias o forem exigindo, incluindo nele, nomeadamente:
 - Debates a nível regional e nacional;
 - Acções de divulgação e de formação sobre temas referidos em 1º;
 - Trabalhos de investigação de interesse comum;
 - Cursos livres.
- b) Nomear elementos de ligação para prepararem e acompanharem a concretização das acções que forem acordadas.
- c) Realizar, no mínimo, um seminário anual conjunto sobre um tema de reconhecida importância.
- d) Considerar o alargamento da discussão e debate a outras áreas do Saber, para as quais exista conveniência de ambas as partes.
- e) Prever e diligenciar obter meios de apoio para acções a levar a efeito.

4º

Ambas as partes dispõem de biblioteca ou outro espólio de Memória, com interesse para consulta ou trabalhos de investigação. Ambas diligenciarão no sentido de concretizar as facilidades de acesso mútuo aos Associados da AORN e aos Corpo Docente e Discente da **Universidade Lusíada**, a tais meios.

5º

Comprometem-se as duas Instituições a criar procedimentos de privilégio para a outra parte, no que respeita em geral a acesso aos serviços, realizações ou actividades de cada uma.

6º

Este protocolo pode ser revisto, a todo o tempo, com o acordo das duas Instituições.

7º

O presente protocolo tem a validade de três anos, renovável por iguais períodos, podendo ser denunciado por qualquer das partes com a antecedência mínima de 90 dias sem prejuízo das acções que entretanto se encontrem a decorrer.

Motivo de orgulho para a AORN, a formalização, em documento escrito, de relações com a Universidade Lusíada, após várias realizações conjuntas, constitui um desafio para os nossos associados estimulados agora por um novo incentivo à colaboração.

INTERVENÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA O SECRETÁRIO DE ESTADO DA DEFESA E ANTIGOS COMBATENTES



Dr. Henrique de Freitas

Lisboa, 20 de Março de 2003

Exmo. Senhor Prof. Doutor Martins da Cruz

Exmo. Senhor Prof. Doutor Carlos Motta

Exmo. Senhor Prof. Dr. José Matos Correia

Caro Representante dos Alunos

Senhores Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Caros Alunos

Quero, naturalmente, começar por agradecer o convite que me foi dirigido pela Associação dos Oficiais da Reserva Naval (AORN) e pelos Finalistas de Relações Internacionais da Universidade Lusitana, para encerrar aqui, nesta casa que sinto como minha, este ciclo de conferências nacionais subordinado ao tema “As Forças Armadas na Actual Conjuntura Internacional”.

Um tema que me obriga a um segundo agradecimento. Ao Secretário de Estado da Defesa e ao professor de Relações Internacionais, cargos que acumulo em prejuízo da segunda qualidade, não lhe ocorreria sugerir melhor tema para debate e reflexão.

Um terceiro agradecimento. Nesta primeira oportunidade em que visito a Lusitana enquanto SEDAC, quero manifestar ao Professor Martins da Cruz a alegria que sinto ao voltar à minha alma mater, local da minha formação académica, sede da minha actividade académica enquanto docente e, também, espaço de memórias que guardo e que partilho com muito orgulho com

os Professores Carlos Mota e Matos Correia, meus particulares amigos.

Saúdo esta iniciativa, e todos os que nela colaboraram, pela oportunidade e importância que tem a reflexão sobre a Defesa e as Forças Armadas, num período em que Portugal lança as bases de importantes reformas nesta área e onde é crucial, que a sociedade civil compreenda o seu alcance e participe na sua implementação.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Vivemos tempos conturbados, vivemos tempos difíceis. O ordenamento internacional desde o 11 de Setembro, viu emergir um novo período que, sem modificar a estrutura de distribuição do poder internacional, trouxe um aumento indiscutível de imponderabilidade nos factores de decisão política, e nos alinhamentos tradicionais.

Com os atentados contra o “World Trade Center” e o Pentágono chegou o tempo do terror e do horror.

Inocentes sepultados sobre aço e cimento. Uma cidade envolta em pó e cinzas pintada a preto e branco. Um cenário de medo e de morte foi, no fundo, o único sinal identificável de um inimigo, ao tempo invisível.

A cidade, sede das Nações Unidas, a cidade do museu Guggenheim, do Centro Rockefeller, de Wall Street, da estátua da Liberdade, do Central Park é, hoje, vista da outra margem do rio Hudson, e sem as Twin Towers, uma cidade com o perfil amputado. Como amputada estava a ideia – ou a fé – do progresso linear das democracias.

Háviamos saído de um século que Nietzsche anunciara como sendo o século das guerras pela dominação do Mundo, em nome de princípios filosóficos, marcado por duas guerras mundiais e dois regimes totalitários e julgávamos ter alcançado o fim da História e a paz perpétua.

Embalados pela simplificação do combate ideológico, numa luta linear entre o Bem e o império do Mal, não nos tínhamos apercebido que, apesar de estarmos num mundo onde tudo é interdependente, estávamos num mundo onde se entrecruzam lógicas muito diferenciadas, para as quais não tínhamos uma

chave universal de interpretação. Tudo parece ser “uma adivinha, envolta num mistério dentro de um enigma”.

E, num momento de procura identitária, de referências, de valores, é bom lembrarmos que todos nós temos solidariedades selectivas. E, como lembra Pierre Hassner, a ideia do “nós” e do “outro” é constitutiva da experiência humana.

Em Nova York assistimos a um “outro” que cobardeamente utilizou o terrorismo como meio de expressão política. O choque e o despertar para o terror deixaram transparecer a impreparação momentânea da Comunidade Internacional em reagir contra um inimigo que, não sendo um Estado, se encontrava dotado de capacidades, normalmente inerentes aos Estados. Foi também visível como os conceitos de Defesa e de Segurança dos organismos internacionais e das unidades políticas que configuram o sistema internacional se encontravam ultrapassados. Basta referir, como exemplo, o conceito de dissuasão, baseado na capacidade de infligir danos inaceitáveis ao agressor, que aqui deixa de fazer sentido porque estamos na presença de um inimigo cuja filosofia assenta na própria auto-destruição.

A Guerra que hoje se iniciou, foi uma guerra que não quisémos, foi uma guerra que se impôs perante o falhanço desta mesma dissuasão e dos mecanismos diplomáticos. Países como o Iraque não reconhecem nem praticam as bases fundamentais da Diplomacia Internacional. Porém, Portugal sabe que é nas horas mais difíceis que os aliados devem expressar a sua solidariedade. Desta forma, a posição do Governo Português neste conflito só poderia ser uma, ao lado dos seus principais aliados.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Hoje, ao assistirmos à fragilização dos mecanismos de solidariedade atlântica e a um alinhamento, também ele inovador, de um eixo França/Alemanha/Rússia/China, que coloca, desde já, dificuldades ao desenvolvimento futuro da Política Externa e de Defesa Comum que se quer forte e coesa, parece não restarem dúvidas que o actual sistema internacional, terminado o período de transição do pós-Guerra Fria, vive o início de um novo período de transição.

Como disse Pierre Hassner: “todos os períodos são, por definição, um tempo de transição. Porém certos períodos tendem a dar uma ilusão de permanência, outros uma expectativa utópica ou catastrófica.”

Certo é que este desalinhamento constrangedor não se materializa numa época em que se possa equacionar, numa versão do século XXI, a teoria da retirada das

superpotências e da auto-afirmação europeia como defenderam, no seu tempo, Walter Lippman, George Kenan, De Gaulle e outros, mas concretiza-se num tempo em que face às ameaças que pairam sobre o sistema internacional, o vínculo euro-atlântico deve ser preservado, deve ser reforçado.

Ao mesmo tempo, perante a evidência de tão profundas fragilidades nas organizações internacionais, nascidas no imediato pós II Guerra Mundial, sobretudo na ONU e na NATO, com consequências na própria União Europeia creio ser urgente repensar e reformar tais organizações, para que cada uma, nas suas especificidades e na sua representatividade próprias, possam manter-se como instrumentos válidos e indispensáveis na garantia da paz e da segurança da Comunidade Internacional.

Como sublinhou Henry Kissinger: “É mais fácil desejar a paz (ou manifestar-se pela paz) do que construir os seus alicerces”.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

O sistema de segurança do Estado Nação que é Portugal, tem como eixo estruturante a Aliança Atlântica e vector relevante a Política Europeia de Segurança e Defesa (PESC).

O facto de o eixo estruturante no nosso sistema de segurança ser a Aliança Atlântica tem décadas. Nós somos País fundador da NATO, orgulhamo-nos de ser País fundador da NATO e consideramos que a Europa e em geral o Mundo Livre, são devedores de um sistema de paz que em grande medida, assenta a sua estabilidade à existência da Aliança Atlântica.

Porém, o facto de termos como eixo estruturante do nosso sistema de segurança a NATO, não nos deve fazer esquecer as responsabilidades assumidas no plano Europeu, em particular na Política Europeia de Segurança e Defesa. Helsínquia é neste sentido um marco fundamental que devemos defender já que o cumprimento das conclusões de Helsínquia, é relevante para a credibilidade da Europa junto dos Europeus, junto dos Americanos e em qualquer lugar do Mundo. Cumprir este objectivo de Helsínquia é do nosso ponto de vista essencial por três razões:

- A primeira, é a credibilidade da Europa junto dos Europeus;
- A segunda, é a credibilidade da Europa face ao Aliado Americano;
- A terceira, é a credibilidade da Europa face a terceiros, independentemente de serem aliados ou não.

Esta dupla realidade, a nossa fronteira Atlântica e a nossa fronteira Europeia, sem esquecer a nossa vocação universal, coloca Portugal entre os Países que mais têm a ganhar com a complementaridade entre a NATO e a União Europeia, e mais tem a perder com uma visão concorrencial, para não dizer mesmo rival, entre um lado e outro do Atlântico.

Se Portugal fosse um País estritamente continental, talvez pudesse pensar de outra forma. Diz-se demasiadas vezes que o Mundo mudou e diz-se poucas vezes que tendo o Mundo mudado, a geografia dos países não mudou.

Portugal é porta de entrada na União Europeia, tem uma fronteira Atlântica considerável e é um País de vocação marítima, deve incentivar a sua capacidade de participar no diálogo com o Mediterrâneo e deve ter uma política própria relativamente ao Magreb. Tem experiência, conhecimento e sabedoria em África, capacidade de relação transatlântica e deixou um rasto noutras paragens do Mundo de que nos pudemos orgulhar. Este é o nosso acervo histórico e estratégico de que não nos devemos esquecer.

Portugal tem, portanto, tudo a ganhar na preservação do vínculo transatlântico.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Este é o desígnio estratégico de Portugal, porque somos um país com identidade e características próprias. Em Camões, Eça de Queiroz ou João de Barros o humanismo universalista do homem português é ousadia e capacidade de irradiação.

E quem somos nós, os portugueses?

Para uns o português é: "...um misto de sonhador e homem de acção, ou, melhor, é um sonhador activo a que não falta um certo fundo prático e realista..." "o português tem no coração a medida de todas as coisas". Para Natália Correia: "a plasticidade do homem português decorre de nele confluírem três grandes influências contraditórias, a mediterrânica, a atlântica e a continental..." que se exprime segundo António Quadros: "... numa tentativa interior de conciliação de contrários, evitando os radicalismos, conciliação de opostos como terra e mar, cálculo e aventura, paciência e temeridade, sonho e matemática".

É este país e este português que o governo tem de honrar em nome da nossa História. Com a colaboração da Instituição Militar e com a memória de que a História de Portugal é a História dos nossos soldados. Desde o tempo da lança, do arco, da seta, da espada e do castelo, passando pelo arcabuz, mosquete, espingarda e ca-

nhão, ao tempo da metralhadora, carro de combate avião ou submarino. Da batalha de S. Mamede à conquista de Lisboa, de Aljubarrota a Ceuta, do Buçaco a Vimeiro e no século XX a Batalha de La Lys.

Uma história que a nossa literatura evidencia ao contar histórias das gentes de Portugal e dos seus soldados exprimindo as suas contingências, os seus riscos, as suas proezas e a força da sua ousadia. Disso são testemunho o Romance popular Nau-Catrineta, a narrativa de Álvaro Velho na sua viagem à Índia, a Carta de Pero Vaz de Caminha sobre o achamento do Brasil e o contacto de Fernão Mendes Pinto com o Japão e do Jesuíta António Andrade com o Tibete.

Na aproximação com outros povos os portugueses desempenharam papel fundamental na história da civilização. Um destino configurado no olhar para longe. Num olhar para o mar e que marca a nossa identidade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

As Forças Armadas são pois, um elemento estruturante da identidade nacional e a sua valorização nas diferentes vertentes surge aos olhos deste Governo como condição indispensável para que Portugal possa assegurar, com credibilidade, uma política de Defesa adequada e moderna.

Sinal inequívoco desta premissa é o programa do Governo em matéria de Defesa Nacional que temos vindo a implementar no pressuposto que o patriotismo dos portugueses não dispensa as Forças Armadas e acredita nos factores da sua dignidade.

Aprovámos um novo Conceito Estratégico de Defesa Nacional onde se definiram os aspectos fundamentais da estratégia global do Estado para atingir os objectivos da Defesa Nacional, identificando os nossos valores permanentes, as ameaças relevantes, o nosso sistema de alianças, as nossas áreas de interesse estratégico, as missões principais das forças Armadas, bem como os meios necessários.

Apresentámos no Parlamento uma Lei de Programação Militar que concretiza o anterior quadro conceptual. E assim, sabemos os valores que o equipamento deve proteger; os interesses que o equipamento deve servir; as ameaças que o equipamento deve prevenir e as capacidades que o equipamento deve preencher. Demos lógica, coerência e continuidade à política de Defesa. O Conceito definiu o que Portugal quer ser, a LPM concretizou os meios para Portugal poder ser o que quer.

O Conceito Estratégico da Defesa Nacional definiu o terrorismo e as armas de destruição maciça, como

novas ameaças para as quais as nossas Forças Armadas deviam preparar-se. A LPM multiplicou por três a capacidade de protecção individual dos soldados portugueses contra as ameaças NBQ.

O Conceito Estratégico da Defesa Nacional definiu como prioritária a nossa capacidade de projecção de forças. A LPM confirmou a construção do Navio Polivalente Logístico, prevendo, ainda, dar um enorme passo em frente no equipamento dos fuzileiros.

O Conceito Estratégico da Defesa Nacional deu ênfase à visão estratégica e à riqueza potencial que constitui, para Portugal, o mar. A LPM encarou o Mar, mais uma vez, como factor de projecção de Portugal no futuro. Resolvemos a questão dos submarinos; evitámos a ruptura do sistema de forças das fragatas; lançámos os navios de fiscalização; pusémos em marcha os navios de combate à poluição, multiplicámos por muito as verbas para segurança marítima e protecção da costa.

O Conceito Estratégico da Defesa Nacional também orienta o país para o cumprimento das missões humanitárias, com a bandeira das Nações Unidas, da Aliança Atlântica ou da União Europeia. Na Bósnia, em Timor, no Afeganistão, noutros lugares onde a comunidade internacional é precisa para impor a lei, garantir a paz e reconstruir o Estado, Portugal lá está – com aprumo e brilho elogiados por todos. A LPM pensou na arma que usa o Exército, na viatura que o desloca, no rádio com que comunica.

O Conceito Estratégico da Defesa Nacional também optava, decididamente, pela visibilidade, utilidade e eficiência das Forças Armadas em tempo de paz. A aposta nas missões de interesse público está feita. A LPM previu meios de fiscalização do espaço marítimo e aéreo; meios de busca, salvamento; meios de evacuação; meios de prevenção e combate à poluição, em terra e no mar; meios para ajudar no combate ao tráfico de droga; meios de auxílio no combate ao flagelo dos fogos florestais.

O mundo em que vivemos é demasiado perigoso e incerto para autorizarmos, por acção ou omissão, esse verdadeiro erro nacional que seria ver as ameaças crescer e deixar decrescer a segurança de Portugal.

A aprovação de um novo Conceito Estratégico de Defesa Nacional, permitiu definir novas ameaças, assumir compromissos quanto às capacidades e aos meios e reforçar os mecanismos de articulação entre as políticas externa e de segurança interna. O início da revisão do Conceito Estratégico Militar dá continuidade ao processo de revisão conceptual indispensável à reestruturação do sistema de forças e do dispositivo de forças. Em paralelo levaremos a cabo reformas estru-

rais ao nível do Ministério da Defesa Nacional, do Estado Maior General e dos Ramos.

As alterações da conjuntura político-estratégica internacional, ocorridas nos últimos anos obrigam a uma reestruturação das Forças Armadas e colocam-nas perante o desafio da profissionalização. Este objectivo implica uma profunda modernização da instituição militar ao nível da sua organização, da gestão dos seus efectivos, da formação dos recursos humanos e da activação de um sistema de mobilização para a satisfação das necessidades que se venham a verificar.

Do fim do sistema de conscrição ou de serviço efectivo normal, e a sua substituição, em tempo de paz, pelo novo regime de prestação do serviço militar baseado no voluntariado, decorre um relevante desafio ao poder político e às Forças Armadas.

Em Novembro de 2004 termina o período de transição, nesta data teremos de garantir uma política de recrutamento que satisfaça a alimentação dos regimes de contrato ou de voluntariado, com quantitativos de pessoal que assegurem a satisfação das necessidades de cada ramo.

O Governo não falhará.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Estamos convictos que a execução de uma política de Defesa Nacional não se faz para as Forças Armadas, mas faz-se para o País com as Forças Armadas.

É assim hoje, e já foi assim no passado remoto.

Portugal é um Estado Nação perfeito com mais de oito séculos de História. Intimamente associados a essa História estão os soldados portugueses que permitiram conquistar, consolidar e defender a nossa independência nacional. Soldados que foram e são orgulho nacional.

O Governo comprometeu-se na sua linha de acção governativa, a dignificar a condição militar. Não podemos deixar de considerar que a Instituição Militar está no coração das transformações do sentimento colectivo e aí ocupa posição singular, já que ela própria encerra uma dimensão de cidadania.

Honra, lealdade, sacrifício e sentimento do dever são valores referenciais da Instituição Militar que queremos ver preservados, que queremos ver dignificados, que queremos ver cumpridos. Para que seja possível atingir este triplo desígnio todos somos chamados a contribuir através de uma efectiva coesão nacional.

Todos somos chamados a cumprir este desígnio. Que é um desígnio de Portugal.

ALIANÇA ATLÂNTICA – QUE FUTURO?



Ricardo Bruno Caldeira Nunes Sabrosa

Desde a celebração do Tratado do Atlântico Norte até hoje têm sido levantadas inúmeras questões sobre o papel e a importância da Aliança Atlântica.

De facto, esta situação reflecte as tensões cada vez mais acentuadas entre os membros sobre as novas estratégias para enfrentar as ameaças.

As certezas da Guerra Fria desapareceram e a Aliança tem estado a ser posta em causa como uma verdadeira organização militar, situação que produz profundas implicações para o futuro da segurança europeia e dos Estados Unidos.

Na Cimeira de Praga de 2002, as diferenças transatlânticas em relação ao pensamento estratégico tornaram-se ainda mais marcantes. Foi acordado o futuro alargamento, foram debatidas as capacidades de defesa europeia; no entanto, houve poucas expectativas em relação a uma rápida transformação.

Estes problemas estão directamente relacionados com a necessidade de uma revisão da estratégia de defesa numa base eu-

No cumprimento do Protocolo assinado ente a AORN e a Universidade Lusíada, a Revista abre as suas páginas à colaboração de alunos e Professores daquela universidade, iniciando hoje este intercâmbio com um texto do recém-licenciado em Relações Internacionais Ricardo Bruno Caldeira Nunes Sabrosa.

Ricardo Sabrosa foi um dos membros do grupo de alunos finalistas do curso de Relações Internacionais da UL que promoveu, no passado mês de Março e conjuntamente com a AORN, a conferência subordinada ao tema “As Forças Armadas na Actual Conjuntura Internacional”.

ropeia, situação que levantou dificuldades políticas em termos de soberania nacional.

Como consequência, a fraqueza militar dos Estados da União Europeia manter-se-á e a influência da Europa na política externa norte-americana será cada vez mais reduzida. Todavia, se for conseguida uma consertação em termos de segurança europeia, isso fará com que a Europa seja mais capaz, podendo conter a hipotética dispensabilidade da Nato.

Enquanto que para alguns europeus a Nato continua a ser o mecanismo essencial para a cooperação transatlântica, em termos de segurança, para outros o único fórum em que esse desafio pode ser prosseguido é a União Europeia, sendo esta a forma de assegurar que o Ocidente não se torne num bloco monolítico ao nível político, económico e militar.

Esta será talvez uma das razões mais importantes porque a relação transatlântica está a atravessar esta crise, ou seja, é o dilema de manter uma aliança entre os dois lados do Atlântico através da Nato ou de uma União Europeia mais reforçada e independente do seu aliado norte-americano.

Existe ainda um elemento importante que penso que deve ser referido, que é o facto de, com o alargamento da Aliança aos países de centro e leste da Europa, esta fará com que provavelmente haja uma eu-

ropeização da própria Nato, o que trará benefícios para a própria organização, mas sobretudo para a União Europeia, em particular para a Política Externa e Segurança Comum (PESC), reforçando assim o pilar europeu da Nato.

De facto, “... uma união mais alargada e coesa mudará o equilíbrio político da Aliança em favor dos europeus ... apesar da aliança com os Estados Unidos continuar a ser primordial para o sucesso e o futuro da Aliança Atlântica...”.

Apesar de tudo, as relações transatlânticas sobreviverão, e a situação ainda não chegou ao ponto em que as partes pretendem acabar com elas. No entanto, um novo princípio de organização é necessário e, por conseguinte, as relações de segurança transatlânticas necessitam de ser repensadas.

No domínio militar, só uma Nato renovada pode efectivamente estabelecer esta ligação, porque os mecanismos para a inter-operacionalidade já existem dentro da Aliança.

Todos estes desenvolvimentos reflectirão uma Nato adaptada às mudanças significativas na estrutura e na balança da relação de segurança transatlântica.

Ricardo Sabrosa
Agosto de 2003

PRÉMIO RESERVA NAVAL



A entrega do **Prémio Reserva Naval**, correspondente ao ano 2002/2003, teve lugar em cerimónia realizada a 9 de Maio, na Escola Naval, e revestiu-se de grande simbolismo.

Presidiu à cerimónia o Chefe do Estado-Maior da Armada, **Almirante Francisco António Torres Vidal Abreu** e foi entregue ao cadete premiado, pelo Presidente da Direcção da **AORN**, **Carlos Alberto Marques Pinto Pereira**.

Com a instituição do Prémio Reserva Naval **SUB TEN FZ RN António Piteira**, a **AORN** perpetua e honra a memória de um dos seus maiores, um jovem oficial RN, morto em combate em Angola, no ano de 1973, apontando-o como exemplo e referência aos senhores cadetes da Escola Naval, futuros oficiais da Marinha de Guerra Portuguesa.

Este prémio visa incentivar o desenvolvimento das qualidades que o **SUB TEN FZ RN António Piteira** reunia – a generosidade, o altruísmo e a solidariedade – predisposto para dar sem cuidar de compensação ou retribuição.

O premiado deste ano é o cadete do 4.º ano da classe de Administração Naval, do Curso **ALM Sarmento Rodrigues**, **Rui Alexandre Baptista Raposo**.

Nascido em 5 de Junho de 1979, na cidade de Coimbra, Rui Raposo é filho de Jorge Manuel de Almeida Raposo e de Hilda Maria de Magalhães Antunes Baptista. Realizou os seus estudos, em Coimbra, na Escola Primária das Anexas, na Escola EB 2-3 Martin de Freitas e na Escola Secundária José Falcão.

Entre 1990 e 1993 praticou hóquei em patins na Académica de Coimbra. Desde Outubro de 1992, é Escuteiro no Agrupamento 109 de Santo António dos Olivais – Coimbra.

A 24 de Abril de 1997, visita a Escola Naval, como aluno do ensino secundário sentindo, desde então, vontade de nela ingressar.

Em Julho de 1999, numa viagem organizada pelo Movimento de Jovens Abraveses – Viseu, embarcou no **NTM "CREOULA"**, como instruendo.

A 13 de Outubro de 1999, ingressou na Escola Naval, sendo agora premiado com o **Prémio Reserva Naval** que lhe é atribuído após votação secreta e universal de todos os alunos da Escola Naval.



Rui Alexandre Baptista Raposo



O Presidente da Direcção da AORN, Carlos Alberto Marques Pinto Pereira, na entrega do Prémio Reserva Naval ao Cadete Rui Alexandre Baptista Raposo



António Teixeira, Ricardo Campos, Honorato Ferreira, Marques Pinto Pereira e Fernando Freitas da Reserva Naval com o cadete Rui Raposo



Na sala da Reserva Naval, a presença do CEMA, Almirante Vidal Abreu e do Comandante da Escola Naval CALM Carlos Viegas Filipe

Cifwork/in_progress
 >impressão offset
 >impressão digital
 >pré-impressão
 >criação
 >design gráfico
 >multimédia
 >web design
 >acabamento
 >expedição
 >endereçamento

tech adventures



Rua Central de Carvalhido, 374 - Moreira
 4471-907 MOREIRA MAIA
 Tel: 22 941 61 14 . Fax: 22 941 74 92
marsil@marsil.pt

Av. Eng.º Duarte Pacheco, Torre 2-3º/5L 1
 1070-102 LISBOA
 Tel: 21 381 54 40 . Fax: 21 381 54 99
lisboa@marsil.pt



N.R.P. CORTE REAL

Em 1985, após longos e exaustivos estudos, o Governo dá luz verde para a construção de três fragatas tipo “Meko 200” (classe “Vasco da Gama”), cabendo à Marinha Portuguesa a responsabilidade da gestão técnica do contrato e respectivas contrapartidas.

Estas fragatas são navios modernos, dotados de armamentos e sensores altamente sofisticados utilizando tecnologia militar de ponta, sendo verdade que, pela primeira vez na sua história, a Marinha de Guerra Portuguesa possui unidades navais totalmente vocacionadas para enfrentar qualquer cenário de multiameaça no mar.

Também se torna digno de realce o facto de, pela primeira vez, uma unidade naval portuguesa estar equipada com sistemas de lançamento de mísseis superfície-superfície e superfície-ar.

Finalmente, entre várias inovações ligadas ao sistema de comando e armas e sensores, comunicações, sistema propulsor, etc., cada navio tem atribuído dois helicópteros para a guerra A/S, os quais fazendo parte integrante do navio a que pertencem,



permitem a rentabilização máxima das suas capacidades de luta anti-submarina.

A realização deste projecto vai permitir que Portugal possa consolidar a projecção naval da sua capacidade política através de uma resposta operacional ainda mais adequada, integrando estas modernas fragatas no dispositivo naval nacional ou atribuindo-as, quando conveniente, em forças navais no âmbito da NATO ou de outras organizações já existentes ou a criar no futuro.

O navio tem um comprimento de 115,9 m, um calado de 6,0 m e desloca 3200 toneladas. Utilizando 2 motores Diesel, cada um com 3600 Kw, atinge a velocidade de 20 Nós ou, fazendo uso de 2 turbinas de gás, cada uma com 19700 Kw, ultrapassa os 32 Nós.

Tem uma guarnição de 23 oficiais, 44 sargentos e 115 praças, pertencendo ao destacamento dos helicópteros, 4 oficiais, 5 sargentos e 9 praças.

O 8º aniversário da AORN – Associação de Oficiais da Reserva Naval, correspondeu este ano ao anseio de muitos sócios e convidados desejosos de reviver de novo ou de se associarem ao ambiente festivo já o ano passado vivido, numa fragata tipo Mekko 200.

Desta vez no N.R.P. *Corte Real*.

Em reunião preparatória prévia, havida a bordo dias antes com o Comandante e o Oficial Imediato daquela fragata, respectivamente os **CFR António Maria Mendes**

Calado e Jorge Manuel da Costa e Sousa, todos os pormenores do aniversário foram criteriosa e minuciosamente ultimados.

De lado ficou qualquer dúvida quanto à capacidade efectiva de ser mesmo a Corte Real a receber a Reserva Naval e os seus Convidados com tão requintada simpatia e qualificado serviço. Foi dada, a cada convidado, a possibilidade de aquilatar do facto dias depois...

Na oportunidade, em ambiente de são convívio e camaradagem, houve ainda pretexto para, em visita guiada pelo

Comando, tomar conhecimento e aferir detalhadamente da capacidade e operacionalidade daquela unidade naval.

No dia aprazado para a cerimónia, a 12 de Julho, muitos “antigos cadetes”, agora velhos “lobos de mar”, acompanhados de jovens, familiares e convidados, rumaram ao Alfeite a partir da Doca de Marinha, numa vedeta disponibilizada para o efeito pela Marinha, desta vez sem cuidar do sextante, da giro ou do leme.

Cuidar descontraidamente de recordações e convívio já era mar suficiente!



Aspectos da concentração inicial, quer na Doca da Marinha em Lisboa quer na Base Naval do Alfeite



No interior de um dos autocarros da Base na visita a Instalações e Serviços

Registo de grupo após uma visita guiada à Messe Residencial

Fizeram-se ao rio sem qualquer relutância, não sem considerarem a possibilidade de defrontarem algumas “tormentas” mesmo sem “dobragem de cabo”, deixando-se arrastar pelas vagas alterosas do reencontro.

Outros, com idêntico rumo, optaram pela

utilização de transporte próprio, navegando ou não pela “ponte”, talvez numa visão do passado...

Na Base Naval de Lisboa a AORN foi recebida pelo Comandante, **CMG Herlander Valente Zambujo** que, na sessão de boas vindas, se congratulou por rece-

ber a Reserva Naval, acompanhando de seguida a comitiva, numa visita guiada às Instalações e Serviços, em autocarros da Base.

Foi possível constatar o esforço de modernização efectuado, em múltiplos domínios, consertada com uma apertada gestão financeira e envolvendo toda a guarnição. Tudo em explicações claras fornecidas pelo próprio Comandante.

A assinalar paragens com visitas na Messe Residencial e no Edifício do Comando, tendo sido possível observar, neste último, o magnífico e valioso património arquitectónico, artístico e cultural a preservar.

Uma nota, sempre especial, para a obrigatória paragem na “Velha Escola” onde, na escadaria e “comprimidos o possível”, foram disparadas fotos em sucessão, não fosse alguém esquecer-se de posar.

Depois, pelas 17:30, com condições únicas para recrear um ambiente naval similar ao que, noutra época, muitos sentiram



O regresso às origens numa foto sempre renovada



A saudação à chegada de Marques Pinto Pereira, Presidente da Direcção da AORN



Chegada a bordo do Almirante Vidal Abreu, Chefe do Estado-Maior da Armada e Senhora

ou em que pontualmente participaram, a fragata *Corte Real*, uma das três unidades navais do tipo Mekko 200 ao serviço Marinha de Guerra Portuguesa, atracada na Base do Alfeite, desempenhou de forma ímpar a condição de unidade anfitriã da Armada recebendo, a preceito e ao mais alto nível, os cerca de 150 convidados que, neste dia, participaram nesta efeméride da Reserva Naval.

Presentes ainda o **VALM António Carlos Rebelo Duarte**, Director do Instituto Superior Naval de Guerra, o **CALM Fernando de Melo Gomes**, 2º Comandante Naval, o **CALM Fernando Vargas de Matos**, Comandante do Corpo de Fuzileiros, o **CALM Carlos Alberto Viegas Filipe**, Comandante da Escola Naval e o **CALM António Manuel Abrantes Lopes**, Chefe de Gabinete do **CEMA**.

Pelas 18:30 chegaram à Base Naval de Lisboa o **Almirante Francisco António Torres Vidal Abreu**, Chefe do Estado-Maior da Armada, e o **VALM António Neves Bettencourt**, Vice-Chefe do Estado-

-Maior da Armada acompanhados das respectivas Senhoras tendo sido recebidos ao portaló pelo **CALM Fernando Melo Gomes**, 2º Comandante Naval, pelo Comando do navio e, em seguida, cumprimentados pela Direcção da AORN.

A presença do **Almirante CEMA** conferiu ao 8º aniversário inquestionável prestígio, confirmando de forma clara e inequívoca que a Marinha de Guerra está determinada em apoiar e conviver com a sua Reserva Naval.

Com sua presença, **Almirante** e Senhora imprimiram ao evento uma imagem de marcada simplicidade e familiaridade, considerando-se entre um grupo de amigos, irradiando amizade e simpatia.

Seguiu-se um jantar volante, singularmente requintado na artística apresentação e com fino serviço, onde a cultura tradicional de bem servir da Marinha esteve sempre presente com a mais elevada nota.

Muito convívio, recordações e possíveis

projectos com uma pausa obrigatória para, no horário previsto, ter lugar a cerimónia do arriar da bandeira, ao toque do Hino Nacional. O silêncio e mais recordações, com alguma contida emoção.

Na sua alocução de boas vindas o **Comandante Mendes Calado** comunicou ser uma honra receber a bordo tão ilustre comitiva, tendo toda guarnição manifestado total empenho em receber de forma ímpar a Reserva Naval.

Carlos Alberto Marques Pinto Pereira, Presidente da Direcção da AORN, no uso da palavra, manifestou ao Chefe do Estado-Maior da Armada profunda gratidão pela permanente disponibilidade da Marinha no apoio à Associação, num relacionamento com raízes históricas no botão de âncora da Escola Naval, agora convertido no “pin” orgulhosamente exibido na lapela, símbolo de valores consolidados no tempo.

Agradecimento igualmente extensivo ao Comando do navio, Comando Naval, Comando da Flotilha e da Base Naval que,



O profissionalismo da arte de bem receber das Escolas de Marinha bem visível em todos os pormenores



A cerimónia do arriar da Bandeira



Carlos Alberto Marques Pinto Pereira no uso da palavra

conjuntamente com todos os presentes, viabilizaram com excepcional brilho uma realização sempre renovada.

Ainda um momento recolhido para lembrar todos os que, tragados pelo mar da vida, nos acompanham permanentemente em pensamento.

Alfredo Lemos Damião enalteceu o tempo de permanência de cada um ao serviço da Marinha de Guerra, na Reserva Naval, pela formação complementar a todos transmitida com inegável expressão nos valores adquiridos.

Em todas as situações e em diferentes ramos de formação académica... *bem serviram sem cuidar recompensa.*

O **Almirante CEMA** agradeceu, sublinhando a já existente relação pessoal de amizade e sã camaradagem, alicerçada no reconhecimento profundo pelos serviços prestados à Marinha de Guerra pela sua Reserva Naval.

Acrescentou que, ainda que herdando dos

seus antecessores este legado, considera indispensável o fortalecimento mútuo e profícuo desses laços de amizade, numa cultura de continuidade e evolução permanentes, podendo a Reserva Naval contar com a passagem desse testemunho a toda a hierarquia do Ramo.

O aniversário terminou da melhor forma com um brinde ao homenageado, a AORN, e o corte do bolo de aniversário com a tradicional espada de oficial.

Num golpe inicial, desferido a dois.

As peças de bombordo e de estibordo pelo som da “boca” do corpo de oficiais, elementos da guarnição e de todos os presentes efectuaram as salvas.

Ao **Almirante CEMA** foi oferecida uma serigrafia comemorativa da fundação da Associação tendo igualmente sido ofertado à Senhora um simbólico ramo de flores.

O **Comandante Mendes Calado** entregou à AORN a cresta do N.R.P. *Corte Real*:

Escudo de vermelho, com 6 costas de prata, postas 2, 2 e 2 e firmadas nos flancos; Chefe de prata, carregado de uma cruz do primeiro esmalte (vermelho) solta nos flancos; Coronel naval de ouro, forrado de vermelho; Sotoposto de listel de prata ondulado com a legenda de letras maiúsculas, tipo elzevir N.R.P. “*Corte Real*”.

Ao navio, foi oferecida o brasão de armas da AORN.

A cada um dos oficiais da guarnição foi oferecida a medalha comemorativa da fundação da AORN.

Depois, o regresso na Vedeta até à Doca de Marinha, cerca das 22:30.

Manuel Lema Santos
8º CEORN



O Almirante CEMA e o Presidente da Direcção da AORN cortam o bolo de aniversário



Um grupo de oficiais da guarnição do N.R.P. Corte Real

PRODUTOS E SERVIÇOS

Crédito Habitação Atlântico

Fale com o
seu espelho.

Seja feliz!

CRÉDITO HABITAÇÃO

Crédito Habitação Atlântico

Atlântico GRUPO bcp
Por si, até onde for preciso

Quem quer casa, quer tudo!
O Atlântico tem para si um conjunto de soluções de Crédito Habitação que lhe permitem realizar todos os seus projectos, com a garantia da experiência e qualidade de serviço do **grupo bcp**.
Tudo, para que seja feliz na sua nova casa.

Beneficie de todas as nossas vantagens:

Rapidez de resposta

Efectue a Simulação do seu Crédito Habitação, podendo obter imediatamente a carta de Aprovação Prévia do seu empréstimo.

Liberdade para comprar casa nova já...

...podendo aguardar até 3 anos para vender a sua casa actual. Até à data da venda, beneficia de prestações mensais reduzidas, pagando apenas os juros de ambos os empréstimos.

Prazos alargados

Escolha o prazo que mais lhe convém. Pode optar por um empréstimo até 40 anos, reduzindo o valor das prestações mensais.

Encargos iniciais mais reduzidos

Pode beneficiar de um período inicial de carência de amortização de capital, em que apenas paga os juros do seu empréstimo, o que lhe permite uma redução dos encargos mensais, nos primeiros tempos.

Condições especiais para jovens

Se tem até 30 anos, o Atlântico oferece-lhe ainda mais condições especiais:

- período de carência de amortização de capital até 3 anos;
- taxas de juro mais atractivas.

Empréstimo adicional para diversas finalidades

Pode ainda obter um crédito complementar para as mais diversas finalidades, desde que o valor da garantia o permita. É muito simples e rápido.

Possibilidade de reforçar o seu empréstimo

Durante a vida do seu Crédito Habitação pode efectuar um reforço do seu empréstimo, desde que a amortização do capital entretanto efectuada ou o valor da garantia o permitam.

Vantagens na transferência do seu Crédito Habitação para o Atlântico

Se quer usufruir das excepcionais condições que temos para si, transfira já o seu Crédito Habitação para o Atlântico. Saiba quanto pode poupar na transferência do seu Crédito Habitação ou, pela mesma prestação, qual o financiamento adicional que pode obter.

Código de conduta voluntário

Todas as informações que lhe prestamos, incluindo as que se encontram na sua simulação, respeitam o preconizado no código europeu de conduta voluntário sobre Crédito Habitação a que aderimos oportunamente. Desta forma, tem a garantia da qualidade contida na informação sobre as condições do empréstimo que pretende contratar.

Ligue já 809 500 500 ou visite www.cidadebcp.pt, para obter informação sobre todas as soluções disponíveis e efectuar a sua simulação.

**Crédito Habitação Atlântico.
Fale com o seu espelho
e seja feliz!**

EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS DO TEJO E DO SADO

Na Doca de Marinha em Lisboa, teve lugar, no passado dia 12 de Julho, uma mostra de embarcações tradicionais dos rios Tejo e Sado, numa iniciativa do GAMMA-Grupo de Amigos do Museu de Marinha.

O certame, que contou com o apoio das Câmaras Municipais de Setúbal e de Lisboa e do Museu de Marinha, revelou um riquíssimo património cultural ligado às actividades profissionais nestes dois rios, ao longo de várias dezenas de anos.

Destinam-se ao transporte de mercadorias e de pessoas, às actividades piscatórias ou ao recreio. Algumas, como o Bote de Fragata estão ao serviço da promoção turística. Impecavelmente preservadas e cuidadas, tanto na sua estrutura como nas pinturas, faceta de grande realce artístico, ali apreciamos o Bote de Catraiar, o Varino, a Canoa do Seixal, a Fragata, a Falua, o Galeão, a Muleta, a Enviada, o Bote de Tartarenha e muitos outros exemplares autênticos, alguns já únicos, mas todos ainda em perfeitas condições de navegabilidade.



Paralelamente e numa das salas do edifício da Doca de Marinha, foram expostos diversos modelos destas embarcações, num conjunto de trabalhos de grande nível artístico do Mestre Modelista Silvério Castanheira.

A Revista da AORN esteve presente e registou, para a sua memória, aspectos deste evento, merecedor de uma reflexão urgente quanto ao futuro destas relíquias, cuja variedade e História exigem um local garantido para a sua guarda.



A ASSEMBLEIA GERAL DA AORN



Mesa da Assembleia Geral, da esq. para a dir.: Alfredo Lemos Damião, Alípio Dias (Presidente do Conselho Fiscal), Carlos Alberto Marques Pinto Pereira (Presidente da Direcção), Ernâni Rodrigues Lopes (Presidente da Assembleia Geral) e Casimiro Barreto



António Castro Moreira, Vice-Presidente da AORN (22º CFORN)

No Auditório do Instituto Superior Naval de Guerra teve lugar, em 29 de Março passado pelas 10:00, a Assembleia Geral Ordinária da **AORN – Associação dos Oficiais da Reserva Naval** com a ordem de trabalhos prevista na respectiva convocatória:

- 1º Apreciar e votar o Relatório de Actividades do ano de 2002;
- 2º Apreciar e votar o Balanço e as Contas do exercício de 2002;
- 3º Apreciar e votar o Regulamento Interno da AORN;
- 4º Apreciar e votar o Regulamento Eleitoral da AORN;
- 5º Apreciar e votar ratificação de deliberação da Direcção de 2002.10.18 sobre

redução de jóia durante a campanha de angariação de novos associados;

- 6º Apreciar e votar ratificação de deliberação da Direcção de 2002.10.18 sobre regime especial de confirmação de associados com dívidas anteriores a 2002.

A Assembleia Geral, presidida pelo seu presidente, **Ernâni Rodrigues Lopes**, proporcionou salutar e profícuo debate entre os sócios presentes, culminando com a aprovação do Relatório de Actividades e o respectivo Balanço e Contas do ano de 2002.

Por deliberação da assembleia, os pontos 5º e 6º foram antecipados para 3º e 4º res-

pectivamente, tendo sido apreciados, votados e aprovados.

Os pontos 3º e 4º foram, por consequência, renumerados para 5º e 6º respectivamente.

Dado o adiantado da hora e por a assembleia entender que estes últimos pontos justificavam um debate alargado, foi decidido que a Assembleia Geral continuasse em 21 de Junho seguinte, pelas 10:00, no mesmo local – Instituto Superior Naval de Guerra; não seria efectuada nova convocatória uma vez que se tratava de continuar a Assembleia Geral já iniciada.

Findos os trabalhos seguiu-se o habitual almoço convívio.



VALM António Carlos Rebelo Duarte, Director do Instituto Superior Naval de Guerra



Alípio Dias (9º CFORN)



José Pires de Lima (4º CEORN)



Manuel Potes Cordovil (11º CFORN)



Dois aspectos da assistência no Auditório do Instituto Superior Naval de Guerra

CONTINUAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL

No mesmo auditório do Instituto Superior Naval de Guerra teve lugar, conforme agendado e em 21 de Junho passado, pelas 11:00, a continuação dos trabalhos da Assembleia Geral Ordinária da AORN – Associação dos Oficiais da Reserva Naval iniciada em 29 de Março, com a ordem de trabalhos prevista na respectiva convocatória:

- 5º Apreciar e votar o Regulamento Interno da AORN (o anterior ponto 3º);
- 6º Apreciar e votar o Regulamento Eleitoral da AORN (o anterior ponto 4º).

Ambos os pontos foram apreciados e votados, tendo sido aprovados por unanimidade.

Aprovado ainda, por proposta do Presidente do Conselho Fiscal, **Dr. Alípio Dias**, um voto de louvor à Direcção pela qualidade dos Regulamentos apresentados e aprovados.

Destes Regulamentos, destacamos a criação do **Conselho de Fundadores** – órgão consultivo composto pelos antigos presidentes da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal, pelos 10 associados mais antigos e por um número variável de membros eleitos pela Assembleia Geral –

e a **nova Organização da AORN**.

Esta, centralmente, compõe-se de 5 Divisões – Associados, Marinha e Protocolo, Mar, Imagem e Comunicação, Memória, de 2 Serviços – Secretariado Nacional, Finanças e Contabilidade, e de número naturalmente variável de Grupos de Acção (as *Task Forces*). Descentralizada, compõe-se de Núcleos (associados congregados por interesses de convívio e regionais ou temáticos) e Delegações (formas maleáveis de representação da Direcção). Foram reconhecidos desde já os Núcleos dos Açores e do Norte – o Polo Norte.



CALM Lima Bacelar, Subdirector do ISNG, na alocação de boas-vindas e Alfredo Lemos Damião (15º CFORN), António Campos Teixeira (11º CFORN) e José Alcino Carvalho (12º CFORN) nas suas intervenções



GRAFICA
MONUMENTAL, LDA.

www.graficamonumental.pt

50
ANOS
1968 2018



50 anos de boas impressões.

RUA NEVES FERREIRA, N.º 13 • 1170-273 LISBOA • TEL: 21 814 32 78 • FAX: 21 812 20 22

www.graficamonumental.pt

FRINDUS
FRIO INDUSTRIAL, LDA.

Carrier
TRANSICOLD

A Solução para o seu Transporte Frigorífico



< Assistência 24 horas >

Portugal > 24 centros > 21 444 90 00

Europa > 400 centros > 800 832 283



REVIVENDO METANGULA EM AZEITÃO

Desde há cerca de 12 anos que se vêm realizando, de uma forma irregular, jantares de confraternização de oficiais e familiares que prestaram serviço na Base Naval de Metangula, em Moçambique, aproximadamente, entre 1967 e 1971.

No jantar do ano de 2000 esteve, entre outros convidados, o *Almirante* Tierno Bagulho, Comandante Naval de Moçambique, no período de 1968/1970. Nesse jantar, o Prof. Ricardo Campos sugeriu que o próximo encontro se realizasse em sua casa, em Azeitão. Passados três anos, o desejo cumpriu-se.

Curiosamente, o interesse neste convívio foi tão marcante que foi necessário desdobrá-lo em duas partes: a primeira teve lugar a 24 de Maio passado e, a segundo, uma semana após, a 31 do mesmo mês.

Na organização, o *Almirante* Espadinha Galo, ocupou-se dos contactos com os oficiais do Quadro Permanente, enquanto Ricardo Campos assumia o comando da “mobilização” dos oficiais da RN. O resultado foi um sucesso: 25 presenças no primeiro dia e 75 no segundo.

Todos se manifestaram satisfeitos com o reencontro, lastimando embora a impossibilidade de realização de um único convívio com a totalidade das adesões. Lamenta-se, especialmente, a ausência do *Almirante* Tierno Bagulho por motivos de força maior.

Nos dois encontros foram oferecidas fotografias do “tempo” do Niassa, com destaque para a vista aérea de Metangula, para um Pôr-de-Sol e para um cartaz alusivo àquela “estância de férias”, aliás bastante forçadas.

O cartaz original da Base de Metangula, da autoria da Senhora D^a Rosita Chuquere, esposa do saudoso Comandante Adriano Chuquere, foi muito apreciado. Também de referir o grato prazer de assistirmos à passagem de um filme, da autoria do *Comandante* Silva Carvalho, obtido naquela época, na região do Cobué. A todos foi oferecido um CD com gravações do



Cancioneiro do Niassa, fados impecavelmente cantados pelo nosso camarada João Peneque.

Numa das faixas deste CD foi gravado, de um documento que se julga único exemplar existente, a voz do Comandante Adriano Chuquere na primeira emissão da Rádio Metangula, referindo os nomes dos seus proponentes, dos primeiros colaboradores e dos objectivos da sua criação.

É nossa convicção, dado o sucesso destas reuniões, que as mesmas irão ser reeditadas em futuro próximo.



GUINÉ/BISSAU – UMA LONGA JORNADA DE SAUDADE



Os cadetes fuzileiros do 14º curso de Oficiais da Reserva Naval sempre foram “um grupo excepcional” no conjunto de cadetes “milicianos” que passaram pela Marinha de Guerra até ao 25 de Abril no que diz respeito ao relacionamento: finda a comissão, mantiveram os contactos e reuniram-se (e reúnem-se) regularmente ao longo dos mais de 30 anos que já passaram desde que foram mobilizados.

Ficou uma grande amizade, que começou, em 1969, na Escola Naval e se cimentou na Escola de Fuzileiros. E engrossou, ao longo de uma vida de “convocatória” regular para os “retiros anuais dos bravos”, que duram dois a três dias.

Eram 20, conseguiram juntar, num desses encontros, um total de 19, pois nestes anos perderam de vista um (esfumou-se até agora pelos matos do Brasil) e, infelizmente, para sempre, o ano passado, um outro perdeu o “contacto com a coluna”: Alberto Neves Silveira. Foi o primeiro “desaparecido” definitivo deste curso de Fuzileiros, não em combate, mas pela passagem da vida.

Deste conjunto de “jovens, belos e intrépidos” do primeiro curso de cadetes fuzileiros de 1969, 12 foram parar à Guiné-Bissau, (alguns saíram de Lisboa ainda cadetes!!!) uns com Guia de Marcha para o Norte, outros para o Centro-Oeste ou Centro-Leste, outros ficaram em Bissau

mas, nas andanças de um lado para o outro, encontravam-se sempre algures, e a confraternização também aí funcionava.

(Não levaram uma vida fácil, porque alguns deles, aos 21 anos, tiveram de arcar com cargos inesperados de imediatos de unidades e, mesmo em ocasiões excepcionais, ficaram por períodos como comandantes das suas unidades. Sempre em operações, combates e resoluções de todo o tipo de problemas, desde logísticos a disciplinares e inclusive incompreensões da hierarquia superior e dos outros ramos... Mas eram jovens, belos e intrépidos!).

Isto tudo vem a propósito de quê?: O “bicho” do retorno à África, em particular à Guiné, ficou sempre referenciado nos “encontros de saudade”: «*Temos de ir lá*», convenciam-se, entre dois dedos de conversa e uns copos, com nostalgia. Um ou outro cumpriu essa promessa nestes anos, mas fê-lo individualmente.

Demorou 30 anos o cumprimento da ansiedade colectiva: Seis destes jovens, belos e intrépidos guerreiros, agora já maduros e ligeiramente mais pesados, lançaram-se à aventura de voltar a percorrer as picadas e as bolanhas da “Guiné própria”. Meteram-se na “picada” no passado Janeiro. Um deles levou a sua mulher. Foi elevada ao honroso posto de “comodora”.

(Um aparte, neste caso – só para os entendidos – esta não era a “Burra”, a tal que era a cara-metade do “Burro”).

Andaram mais de 2.000 quilómetros pelas poucas estradas, esburacadas, (o termo é suave), pelas picadas, pelas bolanhas, pelas ruas ainda simétricas das antigas vilas coloniais (algumas com novos nomes) da Guiné-Bissau, hoje independente.

Uma cansada esta viagem, ao fim de sete dias – para os “fifty” é verdade –, mas acima de tudo um encanto. Uma beleza, uma camaragem e, sejamos justos, uma recepção calorosa das populações e dos



A LFG “Orion”, um dos navios de suporte a múltiplas operações com FZs no Cacheu



O grupo dos “bravos” no Ganturê, com o autor destas linhas (o 1º da direita)



Imagem ao tempo do forte do Cacheu (1969)

comandos militares guineenses que visitaram, que lhes franquearam as portas dos antigos quartéis, onde cumpriram o serviço militar, sem qualquer azedume ou rancor. Como camaradas de armas que estiveram do outro lado.

Andaram pela Guiné, sem qualquer problema de segurança, mesmo à noite.

Claro que o quartel-general desta “unidade de veteranos” não se centrou em Bissau.

(É uma cidade de afluxo de gentes por razões diversas desde o tempo colonial, demasiada cheia de populações deslocadas, sem emprego)

Estrategicamente, foi escolhido Bafatá. Mais precisamente o Clube de Caça de Capé, como “unidade recuada de comando” e, a partir daí, lançar as operações “mais secretas e profundas” em todo o Território Operacional (TO).

Depois dos reconhecimentos iniciais no dia seguinte à chegada a Bissau, e depois de formada uma “longa coluna” para Bafatá, com um grupo de “pica-minas” na estrada e longos solavancos em picadas que obrigavam a umas inesperadas saídas do jeep para “se esconder” junto dos “baga-bagas” para retemperar forças com uma apetecível “bazuca” pequena – fresquinha – e um “cantil escocês” oportuno que o Manel “Flash” detectou num “acampamento IN” lá para os lados do Porto (antes de embarcar, claro!), foi lançada a primeira grande operação, que teve o nome de código “Ganturê”.

Antes de “sair para a operação”, teve de se fazer a formatura e proceder à revista, para ver se estavam todos em prontidão – eis os nomes dos “rapazes”: Mesquita e

Carmo e Miguel Carmo Soares, do 3º DFZE (comandante José Silva Dias), Ricardo Graça Matias, do 4º DFZE (comandante Ferreira Júnior), Serafim Lobato, 12º DFZE (comandante Mendes Fernandes), Manuel Cardoso Ferreira, pelotão independente adstrito à CF1 (comandante Seixas Serra) e Gaspar dos Santos, pelotão independente adstrito igualmente à CF1. Como comandante-chefe honorário, a Joana, mulher do Serafim Lobato, que recebeu os “galões” de comodora.

Começou com um largo “envolvimento” em jeeps, cujo ponto de partida foi Bafatá, onde recebeu um “reforço” de peso, na pessoa do actual adido de Defesa da embaixada portuguesa, comandante Lopes Fernandes, ele também um antigo “veterano” fuzileiro da Guiné.

Jabincunda, Ponte Geba, Contubel, Madina, Canhamina, Canjabari, Jumbembem e Farim.

Foi um “envolvimento largo, em meia lua”, até chegar ao término mais a norte dos comboios de embarcações do Rio Cacheu. Curiosamente, trinta anos depois, os únicos monumentos construídos, dignos de realce, eram as lápides das comemorações henriquinas dos anos 60.

Aqui, junto ao cais, cujos ferry-boats de transbordo não funcionam há muitos meses, foi feito um “ponto da situação” e estudado cuidadosamente o plano de “desembarque” para atingir Ganturê, com uma aturada “operação de limpeza” para acabar com a “resistência do caviloso IN” na base intermédia de Sambuíá.

Assim, entrou-se em Salicanhé, ultra-passou-se Sambuíá, numa “marcha lenta” de saudade e recordação – ali morreram

muitos fuzileiros em combate, entre eles o saudoso Max Mine (Ulisses Pereira Correia, marinheiro fuzileiro telegrafista, do D12, que fez a especialização com o curso dos cadetes fuzos do 14º), seguiu-se para Talicó, avistou-se Sindima e entrou-se “de repente, na mais completa surpresa, em Bigene”, onde depois de “emboscar”, junto do Comando do Comité de Estado, o edifício do antigo comando do COP 3, se lançaram em gritos de «*vamos a eles*» (é verdade alguns dos jovens intrépidos foram a pé !) até Ganturê.

Foi difícil encontrar a base de Ganturê, pois estava “cuidadosamente” disfarçada pelo capim. (Nem arame farpado, nem o posto de sentinela, se referenciava, para quem vinha de Norte!) Dos abrigos restavam ténues vestígios. De significativo, com visibilidade, as ruínas da enfermaria. O velho barracão da Casa Gouveia desapareceu. O campo de futebol “volatilizou-se” entre a frondosa vegetação africana. Da messe apenas só meias-paredes, esventradas e carcomidas. Nada foi destruído, apenas caiu de velho, segundo disseram os actuais residentes.

A ponte-cais apenas era reconhecida porque se viam uns pontos negros que eram os antigos barrotes que suportavam o madeiramento e que “pintalgavam” as águas da margem. De antanho humano conhecido, apenas o antigo capataz do “pessoal menor”, Mamadu Sissé, que se recordou ainda de alguns nomes de oficiais. Os outros e outras, incluindo os guias da sua “criação”, todos tinham morrido, incluindo as lavadeiras.

Depois de “vistoriado o acampamento” e feito o “cuidadoso reconhecimento”

visual e fotográfico, continuou-se a progressão até Barro, sempre numa “lenta marcha” de picada, no sobe e desce dos buracos tendo, de repente, de ter de “passar à linha” e “emboscar” para retemperar com um “copioso” lanche, que o comandante Lopes Fernandes brindou o grupo de assalto.

Precisamente – mais centena de metros, menos centena de metros – do local onde, no nosso tempo, uma coluna do Exército de Barro foi emboscada e quase apanhada à mão.

A “coluna” seguiu rumo a Ingoré, e depois, a bússola foi apontada para sul, S.Vicente, onde atravessou o Cacheu para regressar ao “quartel-general” em Capé. Com passagem por Bissorá e Bissum, entre outros.

O relatório do comandante-chefe ficou recheado de “louvores” aos jovens e intrépidos que resistiram ao “intenso fogo” dos buracos e dos solavancos; inclusive, tiveram de ultrapassar avarias mecânicas no meio do mato, em plena noite. Com a população local a dar ajuda.

Nem uma “baixa” neste primeiro dia entre os “bravos da coluna”.

O segundo dia ficou marcado por um “desembarque” em regra em Bula; claro que o caminho foi percorrido em jeep. Não foi necessário usar “picas”, estava tudo desminado. Com uma passagem por Mansoa.

A primeira surpresa desta viagem. O grupo foi recebido de braços abertos pelos comandos superiores da Zona Militar de Bula. Os visitantes coloniais foram recebidos com o estatuto de Chefe de Estado-Maior, com direito a petições. (Sim,

porque o comandante de Bula fez questão de fazer uma carta escrita dirigida aos “camaradas” portugueses para lhe enviarem material de escritório, com direito a chancela e assinatura e uma recomendação, esta verbal, «*mandem directamente para aqui, pois senão os “de Bissau” ficam com tudo*»).

Ficou a saber-se que alguns desses oficiais, como guerrilheiros, estiveram em acções contra o quartel onde se encontravam os militares portugueses – flagelações – e só não actuaram com mais “ferocidade”, porque tinham muito “respeito” pelo fuzileiros.

Também explicaram, porque não destruíram pontes, como a de Saltinho, apesar de estarem já nos planeamentos dos militares do PAIGC: Amílcar Cabral aconselhou-os a ponderar, seria um erro enorme destruir uma coisa que viria a ser deles. Cabral está sempre presente nos velhos guerrilheiros, que estão fora de Bissau e das “manobras” da grande cidade.

Saltinho foi precisamente um dos pontos de paragem e visita, não só pela beleza das cachoeiras do rio Corubal, mas também pela existência de um outro Clube de Caça, gerido por um português, nas antigas instalações do quartel da tropa. Soube muito bem comer umas ostras em pleno mato.

O terceiro dia exigiu uma preparação muito cuidada, e uma “mentalização” de muitas horas de sono, para uma “penetração profunda” em terrenos da Frente Oeste, não só pelo terrenos onde se iria actuar, mas também pela “longa nomadização” que se iria efectuar.

Claro que era preciso contar com a emoção de atravessar a estrada que ia de Teixeira Pinto (hoje Canchungo) até Cacheu, hoje já toda em ela alcatroada... mas sem qualquer reparação nestes trinta anos (os buracos parecem ter sido obra de detonações de minas!!).

Esperavam-se, portanto, muitas “emboscadas”, “golpes de mão”, “morteiradas”, “bazucadas”, “marchas forçadas” em corta-mato, sem se poder avançar à vontade por “trilhos”.

A primeira “surpresa” aconteceu em Canchungo (Teixeira Pinto). O “IN” franqueou-nos as portas da base sem qualquer “resistência”. Recebeu os “guerreiros visitantes” de braços abertos, tirou fotografias ao seu lado, mostrou-lhes as paradas. Agora éramos camaradas de armas. O que lá vai, lá vai.

E... surpresa das surpresas: As paradas ainda tinham os nomes dos majores do Estado-Maior do CAOP (Comando de Agrupamento Operacional), Pereira da Silva, Passos Ramos e Osório, que foram mortos no Pelundo em 1970, quando estavam em negociações com o PAIGC. E o pau da bandeira do centro da grande parada era o mesmo do tempo colonial. Tal como em Buba, os edifícios das casernas e outros estavam agora ocupados pelos militares guineenses. Mas em grande estado de degradação.

O Cacheu recebeu o grupo em pleno meio dia da Guiné. Uma torreira.

A vila (agora cidade) cresceu, com mais moranças no sentido sul da estrada principal, mas a parte colonial degradou-se. A única casa completamente restaurada era a antiga messe dos oficiais fuzileiros,



À esquerda, a antiga Messe dos Oficiais Fuzileiros do Cacheu (1969) e, à direita, o mesmo edifício, actualmente Casa do Governador da Região do Cacheu



Em confraternização com o “Inimigo” na ponte-cais de Buba



Cerimónia religiosa muçulmana

agora transformada em residência do governador da região.

O almoço decorreu em plena estrada Cacheu-Canchungo, junto à bolanha do Capó, um dos lugares de nomadização na protecção à estrada em 1971/72.

A antiga ponte-cais do Cacheu foi modernizada, mas de movimento de embarcações nem uma “vivalma”. O forte colonial português continua em pé e minimamente cuidado; foi restaurado em 1989, antes de uma viagem do então primeiro-ministro Cavaco Silva.

Na ida e no regresso passaram-se por, entre outras regiões e antigos quartéis, Bula e Bachile e Binar. Todos os quartéis intermédios estão em estado de ruínas e abandono. Ali, como em outras regiões.

O dia seguinte foi de grande ansiedade, ia “assaltar-se” o quartel-general do IN, e por isso era preciso estudar com todo o pormenor a ORDOP do Comchef para se entrar em Bissau. Foi preciso organizar uma unidade de apoio logístico para transportar os foguetões de longo alcance. Assim pela calada da manhã, perfeitamente equipado e municiado, o grupo de assalto rumou para a ilha de Bissau, fez uma breve paragem em Safim, ultrapassou o aeroporto e entrou, por entre uma multidão de taxistas, de uma confusão indiscriminável de barracas e vendedores de todo o tipo ao longo da estrada e restos de tanques da guerra civil de 1999/2000, na capital.

Não houve qualquer sinal do IN, nem qualquer “bolsa de resistência”.

Com amizade e camaradagem, o grupo pode entrar nas antigas Instalações Navais da Guiné (INAB), hoje o Estado-

-Maior da Armada guineense (o restaurante Solar dos Dez já não mora ali, ao lado).

Acompanhado pelo comandante Lopes Fernandes, o grupo foi recebido pelo Vice-CEMA e pelo comandante do Batalhão de Fuzileiros, que fez questão de acompanhar os antigos oficiais pelas diferentes dependências.

A antiga Messe de Oficiais não funciona como tal, nem luz havia na altura (vimo-la) às escuras. No seu interior foi construído um palco e serve de Escola de Teatro.

O edifício do Comandante da Defesa Marítima da Guiné está agora ocupado pelo Ministério dos Transportes.

O cais do Pidjiguiti é um cemitério de ruínas de embarcações, mercantes e de guerra (a Guiné-Bissau, neste momento, não tem qualquer navio de guerra em actividade).

Visitou-se o cemitério de Bissau, cujo talhão português está cuidado.

Depois de uma passagem pela cidade (o Palácio Presidencial, antigo Palácio do Governo, fortemente danificado pela última guerra civil, continua sem ser reparado) foi dada ordem de “reembarque” com destino ao quartel-general de Capé.

Era preciso retemperar forças. Para o efeito, foi planeado “um esquema leve” (a ORDOP estava assinada pelo Ricardo Matias) para o dia seguinte. Assim, decidiu-se que o “quartel-mestre” Manuel Flash se equipasse a rigor e se lançasse numa “feroz” campanha para angariação de comida. Qual verdadeiro Robin dos Bosques, o ilustre fotógrafo e arqueiro

penetrou profundamente na mata, e armado em caçador de caça grossa conseguiu assustar umas rolas e umas abetardas, que lhe cairam aos pés, quando descobriram quem as perseguia. E, claro, entregou-as em repasto aos “pobres” e derreados jovens, belos e intrépidos.

Entretanto, o grosso da coluna fez uma pequena caminhada de reconhecimento e progressão silenciosa até ao Gabu (antiga Nova Lamego), um entreposto “IN”, onde tudo se vendia desde panos da Índia até lápis da China.

À noite, depois de um dia sem qualquer vestígio de presença do caviloso, foi servido um lauto jantar com as peças arrepanhadas, sem parcimónia, pelo corajoso quartel-mestre que conseguiu, com os olhos fechados, trazer todas as peças de caça.

Antes de regressar a Bissau, houve uma última saída à zona de Bafatá e à noite, em alegre convívio com a população da zona, em especial a feminina, houve uma festa à borda da piscina de Capé, que permitiu aos jovens guerreiros mostrar os seus dotes de bailarinos.

Deu-se então o reembarque com destino a Bissau, e o regresso à Metrópole.

O curso vai reunir-se no briefing anual em Maio próximo para preparar os próximos embates.

Serafim Lobato
14º CFORN



A BIBLIOTECA DA AORN



Com insistência em anteriores números da Revista, temos apelado aos leitores, sócios e não sócios desta Associação, no sentido de os sensibilizar para o apoio à nossa Biblioteca, sector importante do Museu que desde há alguns anos temos vindo a desenvolver.

Um espólio bibliográfico que esta Associação pretende reunir, colocando à disposição dos estudiosos muitas matérias de inegável interesse, tendo em conta a situação privilegiada dos seus associados, num patamar cultural onde o contacto com os livros é permanente.

A geração que nos segue, estimada em cerca de 8.000 jovens, poderá encontrar na Biblioteca da AORN elementos de estudo e pesquisa, alguns certamente únicos, que poderão vir a ser um contributo fundamental para a sua formação.

Recente Protocolo assinado com a Universidade Lusíada reforça a razão deste objectivo, abrindo a possibilidade de apoio aos alunos desta Escola, interessados no estudo da História da Marinha de Guerra Portuguesa através de documentos fornecidos pela sua Reserva Naval.

Embora abrangendo áreas de relação directa com o Mar, como logicamente se compreende, muitos dos títulos já em arquivo versam temas distintos e, neste número, divulgamos a oferta de 310 novos livros por iniciativa do *Vice Almirante Luís Manuel Lucas Mota e Silva*, Presidente do Conselho Directivo do Centro Científico e Cultural de Macau, a quem endereçamos o profundo agradecimento pela forma como correspondeu ao nosso apelo.

Tratam-se de documentos oriundos do tempo da administração portuguesa em Macau, editados por instituições do então Governo deste território ou, em alguns

casos, em colaboração com instituições sediadas em Portugal.

Muitas destas publicações são edições bilingue, em língua portuguesa e chinesa, algumas apenas em chinês, abordando temas de História, Fotografia, Medicina, Etnografia e Folclore, Viagens, Diplomacia, Arquitectura, Política ou Poesia.

A página da AORN na Internet já apresenta os títulos destas e de outras obras da Biblioteca, com actualização periódica, permitindo a sua divulgação e rápido conhecimento de todos os interessados.

Também se anuncia a oferta de várias edições recentes da Comissão Cultural de Marinha, num total de 12 publicações, atenção e carinho que desde sempre o seu Director, *Contra Almirante José Luís Ferreira Leiria Pinto* tem dispensado à AORN; aqui se regista a manifestação do nosso agradecimento pelo apoio que tem dado a este projecto.

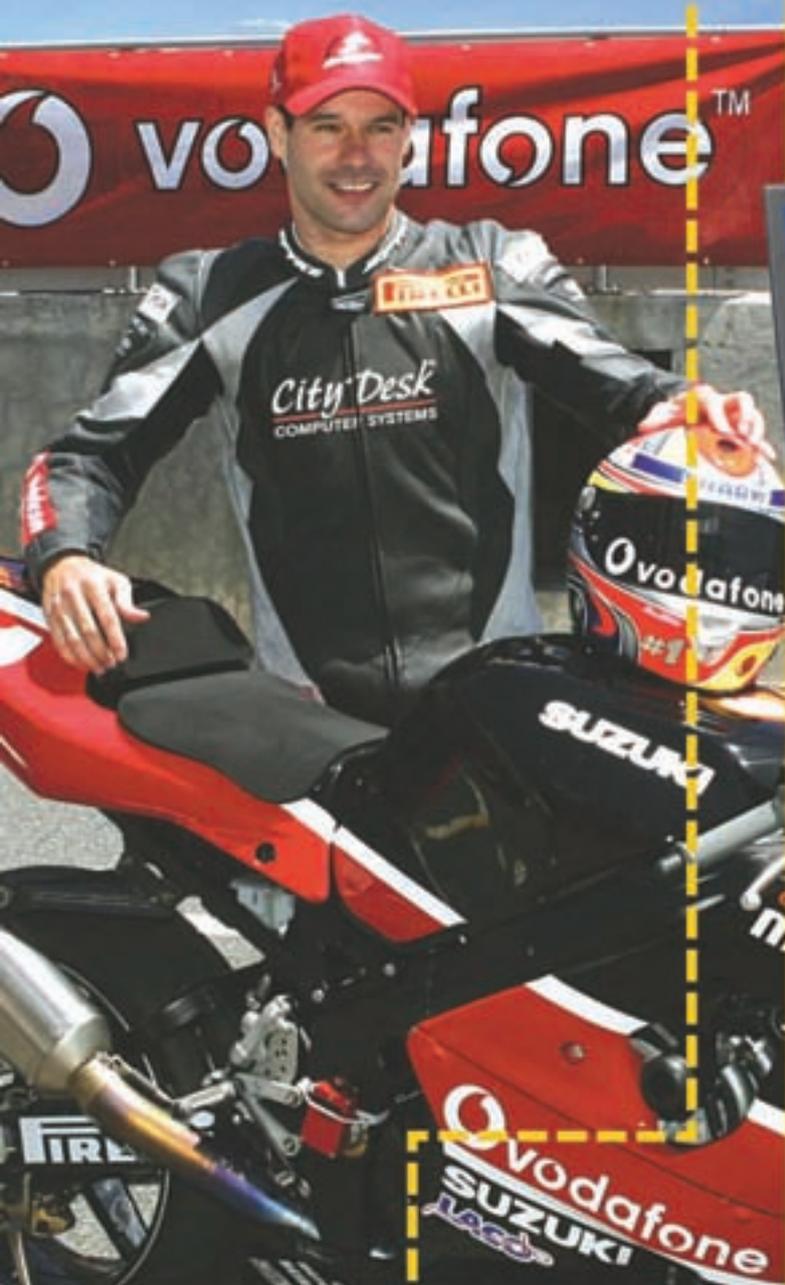
De um associado anónimo foram recebidas 84 publicações, saídas entre 1894 e 1897, sob o título "*LEITURAS*", um *Magazine Literário com temas de Romance, História e Viagens*, da Antiga Casa Bertrand, José Bastos, Ltd.. Destacamos nestas "Leituras" textos de Leon Tolstoi, Bret Harte, Guy de Maupassant, Geng d' Esparbés, Jayme de Séguier, Henrik Ibsen, Mark Twain, Jules Noriac, Edgar Poe, Celestino Soares, Olavo Bilac, Paul Bourget, Trindade Coelho, Pierre Loti, George Courteline, Jehan Soudan, Alphonse Daudet, Fernandes Costa, Oliveira Martins, Emil Zola, Marcel Prévost e muitos outros.

Nesta data, a Biblioteca da AORN atingiu o total de 2.103 volumes, mais 406 do que os registados em 31 de Dezembro de 2002.



DUAS MÁQUINAS.

A MESMA PERFORMANCE!



Nome: City Desk Netpoint Mobile
 Dimensões: 32cm(L)x27cm(P)x3cm(A)
 Peso: 2,5Kg
 Velocidade: Pentium Mobile (1MB Cache)
 Autonomia: Mais de 5 horas, sempre a 100%
 Palmarês: Campeão Nacional de Mobilidade 2003



A City Desk recomenda a utilização do Microsoft® Windows XP Professional para Computadores Portáteis.



City Desk OCEANUS Mobile



City Desk INFANTE Mobile



City Desk VECTOR

A equipa SUZUKI Galp Vodafone, líder actual do Campeonato Nacional de Velocidade StockSports e Resistência e o seu piloto Rui Reigoto, Tri-Campeão Nacional de Velocidade, utilizam tecnologia City Desk. SUZUKI GSX R 1000 no asfalto, City Desk Netpoint Mobile na box... duas máquinas, a mesma performance!

Nome: Rui Reigoto
 Dimensões: 1.74m
 Peso: 69Kg
 Velocidade: 320Km/h
 Autonomia: mais de 6 horas, a fundo!
 Palmarês: Campeão Nacional Velocidade StockSports
 1999/2000/2002

POWERED BY

City Desk
 COMPUTER SYSTEMS



CRÉDITO HABITAÇÃO

**Fale com o
seu espelho.**

Seja feliz!

Quem quer casa, quer tudo!

O Atlântico tem para si um conjunto de soluções de Crédito Habitação, que incluem, entre outras, as seguintes vantagens:

- comprar casa nova já e vender a actual nos próximos três anos;
- prazos alargados até 40 anos;
- condições especiais para jovens.

Com a garantia da experiência e qualidade do grupo **bcp**.

Para obter mais informações e efectuar a sua simulação,
ligue 809 500 500 ou visite www.cidadebcp.pt.